Como Me Tornei Estúpido

Martin Page

Tradução

Carlos Nougué

Título Original

"Comment Je Suis Devenu Stupide"

"Ele lhes enviava o que eles não conheciam."

Oscar Wilde, in "O Crime de lord Arthur Savile"

"Ob-la-di ob-la-da life goes on bra"

The Beatles, in "Álbum Branco"

1.

SEMPRE PARECERA A ANTOINE contabilizar sua idade como os cães. Quando tinha sete anos, ele se sentia gasto como um homem de quarenta e nove anos; aos onze, tinha desilusões de um velho de setenta e sete anos. Hoje, aos vinte e cinco, na expectativa de uma vida mais tranqüila, Antoine tomou a decisão de cobrir o cérebro com o manto da estupidez. Ele constatara muitas vezes que inteligência é palavra que designa baboseiras bem construídas e lindamente pronunciadas, e que é tão traiçoeira que freqüentemente é mais vantajoso ser uma besta que um intelectual consagrado. A inteligência torna a pessoa infeliz, solitária, pobre, enquanto o disfarce de inteligente oferece a imortalidade efêmera do jornal e a admiração dos que acreditam no que lêem.

A chaleira começou a emitir um assobio sofrido. Antoine verteu a água fremente numa xícara azul decorada com uma lua rodeada de duas rosas vermelhas. As folhas de chá se abriram turbilhonando, difundindo a sua cor e o seu perfume, enquanto o vapor se evolava e se mesclava ao corpo do ar. Antoine sentou-se à escrivaninha diante da única janela do seu estúdio em desordem.

Ele passara a noite escrevendo. Em um grande caderno pautado, após muitas tentativas, após páginas de rascunho, ele enfim conseguira dar forma ao seu manifesto. Antes disso, durante semanas ele se extenuara para encontrar pretextos, para imaginar subterfúgios desafiadores. Mas terminara por admitir a pavorosa verdade: era o seu próprio espírito a causa da sua infelicidade. Nesta noite de julho, Antoine tinha, pois, anotado os argumentos que deviam justificar a sua renúncia ao pensamento. O caderno permaneceria como testemunho do seu projeto, para o caso de ele não sair incólume de tão perigosa experiência. Mas sem duvida ah estava, acima de tudo, o meio de ele próprio convencer-se da validade de seu malogro, uma vez que essas páginas de justificativas tinham o aparato de uma demonstração racional... .

Um passarinho tamborilou o bico na vidraça. Antoine ergueu os olhos do caderno e, como para responder, tamborilou com a caneta. Bebeu um gole de chá, esticou-se na cadeira e, passando a mão nos cabelos um tanto gordurosos, pensou que precisava roubar xampu do mercado da esquina. Antoine não se sentia com alma de ladrão; não tinha suficiente agilidade para isso, razão por que surrupiava tão-somente aquilo de que tinha necessidade: um xampu que comprimia discretamente numa pequena caixa de bombons. Ele procedia da mesma maneira com relação à pasta de dentes, ao sabonete, ao creme de barbear, às passas, às cerejas; arrecadando o seu dízimo, furtava, quotidianamente,

nas grandes lojas e supermercados. Igualmente, por não ter dinheiro suficiente para adquirir todos os livros que desejava e tendo observado a acuidade dos guardas-noturnos e a sensibilidade dos aparelhos de segurança das megalivrarias, roubava os livros página por página e reconstituía-os no seu apartamento, como um editor clandestino. Sendo obtida por delito, cada página adquiria um valor simbólico muito maior do que teria se estivesse colada e perdida entre os seus pares; destacada de um livro, furtada, e depois pacientemente reunida, tornava-se sagrada. A biblioteca de Antoine contava, assim, com uma vintena de livros reconstituídos na sua preciosa edição particular.

Então, quando o dia acabava de raiar, exausto pela noite em claro, ele se apressou a dar uma conclusão à sua proclamação. Após um instante de hesitação com a extremidade da caneta entre os dentes, ele começou a escrever, a cabeça pendendo sobre o caderno, a língua a percorrer a borda dos lábios:

"Não há nada que me enerve mais do que essas histórias em que o herói, no final, voltará à situação inicial após ter vencido qualquer coisa". Ele terá corrido riscos, terá saído vitorioso das aventuras, mas, no fim, voltará a estar como no princípio. Não quero participar dessa mentira: fazer de conta de que não se conhece a conclusão de tudo isso. Sei perfeitamente que essa viagem à estupidez vai transformar-se num hino à inteligência. Será a minha pequena Odisséia pessoal: após muitas provações e aventuras perigosas, encontrarei Itaca. Sinto já o odor de aguardente e de folhas de videira recheadas. Seria hipócrita não dizê-lo, não dizer que, desde o início da história, se sabe que o herói vai safar-se, que ele até vai sair engrandecido por causa das provas. Um desfecho artificialmente construído para parecer natural proclamará uma lição do gênero: 'E bom pensar, mas é preciso aproveitar a vida.' O que quer que digamos, o que quer que façamos, haverá sempre uma moral a brotar nos prados da nossa personalidade.

"Hoje é quarta-feira 19 de julho, e o sol decide enfim deixar o seu refúgio. Eu gostaria de poder dizer, na conclusão desta aventura, como certo personagem do filme Nascido para matar: 'Estou num mundo de merda, mas estou vivo e não tenho medo."

Antoine pousou a caneta e fechou o caderno. Bebeu um gole de chá, mas o liquido tinha esfriado. Espreguiçou-se e esquentou a água num pequeno fogareiro a gás pousado no chão mesmo. O passarinho tamborilou com o bico no vidro da janela. Antoine abriu a janela e pôs um punhado de grãos de girassol no parapeito.

2.

METADE DA FAMÍLIA DE ANTOINE era originária da Birmânia. Seus avós paternos tinham chegado à França nos anos trinta para seguir os passos de Shan, sua ilustre ancestral, que oito séculos antes tinha descoberto a Europa. Shan era uma botânica aventureira; interessava-se pelas artes, pelos remédios e tentava traçar um mapa da região. Entre uma expedição e outra, ela voltava à sua cidade natal, Pagã, reencontrava-se com a família e comunicava suas descobertas aos parentes e aos letrados. Anawratha, o primeiro grande soberano birmanês, estimulou a sua paixão pela pesquisa e pela aventura e ofereceu-lhe os meios materiais e financeiros para descobrir o vasto mundo desconhecido. Meses a fio Shan e sua bagagem viajaram por terra, por mar, e perderam-se suficientemente para encontrar o caminho do Novo Mundo, a Europa. Cruzando o Mediterrâneo, desembarcaram no sul da França e alcançaram Paris. Ofereceram miçangas e roupas de seda vagabunda aos indígenas das diversas regiões européias e concluíram acordos de comércio com os chefes dessas tribos pálidas. De volta ao seu país, Shan recebeu uma acolhida triunfal pelo seu descobrimento; foi celebrada e terminou os seus dias gloriosamente. Em meio às perturbações e violências do século XX, os avós de Antoine decidiram seguir os passos de sua ancestral na esperança de alcançar igual felicidade. Eles se instalaram, pois, na Bretanha no início dos anos trinta; em 1941, criaram até a célebre seção de resistentes ETP Birmânia. Integravam-se pouco a pouco, tendo aprendido o bretão e, com um tanto mais de dificuldade, o gosto pelas ostras.

Inspetora do litoral pelo Ministério do Meio Ambiente, a mãe de Antoine era bretã; seu pai, birmanês, dividia o tempo entre a paixão pela culinária e a atividade de pescador com rede de arrastão. Com a idade de dezoito anos, Antoine deixara os atenciosos pais inquietos para instalar-se na capital, com o desejo de nela buscar o seu próprio caminho. Quando criança, sua ambição era ser como o Pernalonga; depois, mais maduro, tinha querido ser igual ao Vasco da Gama. A orientadora vocacional, no entanto, pediu-lhe que escolhesse estudos que estivessem na relação oficial de cursos registrados no Ministério da Educação. A sua carreira universitária tinha a forma labiríntica das suas paixões, e ele nunca deixou de descobrir novas paixões. Antoine jamais compreendera a divisão arbitrária das matérias: ele assistia aos cursos que o interessassem em quaisquer disciplinas e abandonava aqueles cujos professores não estivessem à altura. E foi um pouco por acaso que conseguiu se diplomar graças à acumulação de créditos e módulos.

Tinha poucos amigos, porque padecia dessa espécie de anti-sociabilidade que resulta da demasiada tolerância e compreensão. Os seus gostos não-exclusivos, disparatados, baniam-no dos grupos que se constituíam a partir de desgostos comuns. Se ele desconfiava da anatomia odiosa das multidões, era sobretudo a sua curiosidade e paixão desprezadoras de todas as fronteiras e clãs que faziam dele um apátrida no seu próprio país. Em um mundo em que a opinião pública está confinada nas pesquisas às possibilidades sim, não e sem opinião, Antoine não queria preencher nenhum quadradinho. Ser a favor ou contra era para ele uma insuportável limitação às questões complexas. Além disso, possuía uma delicada timidez à qual se aferrava como a uma reminiscência infantil. Parecia-lhe que um ser humano era tão vasto e tão rico que não poderia haver maior vaidade neste mundo que estar demasiado seguro de si com respeito aos outros, com respeito ao desconhecido e às incertezas que cada um representava. Por um momento teve medo de perder a sua singela timidez e juntar-se ao bando dos que nos desprezam se não os dominamos; mas, graças a uma vontade obstinada, soube conservá-la como um oásis da sua personalidade. Apesar de ter recebido numerosos e profundos ferimentos, isso em nada lhe tinha enrijecido o caráter; ele guardava intacta a sua extrema sensibilidade, que, como uma fênix, renascia mais pura que nunca cada vez que era maltratada e morta. Enfim, se acreditava razoavelmente em si mesmo, esforçava-se por não acreditar demasiadamente, por não concordar facilmente com o que ele próprio pensava, pois sabia como as palavras do nosso espírito gostam de nos prestar serviço e nos reconfortar logrando-nos.

Antes de tomar a decisão que iria mudar a sua existência de diversas maneiras, antes, pois, de tornar-se estúpido, Antoine tentou outros caminhos, outras soluções para resolver a sua dificuldade em participar da vida.

Eis a sua primeira tentativa, que se poderia julgar desastrada, mas que foi plena de sincera esperança.

Antoine jamais tocara uma gota de álcool. Mesmo quando se feria ligeiramente, quando se arranhava, recusava-se, como bom abstêmio, a desinfetar-se com álcool setenta graus, preferindo a Betadina ou o Mercurocromo.

Em casa não tinha vinho nem aperitivos. Mais tarde, desprezou a utilização de artifícios fermentados ou destilados para estimular a falta de imaginação ou para fazer desaparecer os efeitos de uma depressão.

Observando como o pensamento das pessoas embriagadas era vago e distante de qualquer preocupação com respeito à realidade, como

suas frases se satisfaziam com a incoerência e, como coroando tudo, tinham a ilusão de declamar soberbas verdades, Antoine decidiu aderir a esta promissora filosofia. A embriaguez parecia-lhe o meio de suprimir toda e qualquer veleidade reflexiva da sua inteligência. Embriagado, ele não teria necessidade de pensar, ele já não o poderia: seria um retórico de aproximações líricas, eloqüente e volúvel. A inteligência no seio da embriaguez já não teria sentido; com suas amarras afrouxadas, ela poderia fazer naufragar ou ser devorada por tubarões sem que disso se desse conta. Risos sem motivo, exclamações absurdas, em estado de ebriedade ele amaria todo o mundo, seria desinibido. Dançaria, vira—voltaria! Oh, certamente, ele não esquecia a parte sombria do álcool: as tonturas, os vômitos, a cirrose à espreita. E a dependência.

Ele contava com sua transformação em alcoólatra. Isso traz plenitude. O álcool ocupa totalmente o pensamento e dá fim ao desespero: cura. Ele freqüentaria então as reuniões dos Alcoólatras Anônimos, contaria a sua trajetória, seria apoiado e compreendido por seres da sua espécie, os quais aplaudiriam sua coragem e sua vontade de recuperar-se. Ele seria alcoólatra, ou seja, alguém que tem uma doença socialmente reconhecida. Os alcoólatras são compreendidos, são cuidados, têm uma consideração médica, humana. Ao passo que ninguém pensa em compadecer-se das pessoas inteligentes: "Ele observa os comportamentos humanos e isso deve fazer dele uma pessoa muito infeliz", "Minha sobrinha é inteligente, mas é uma pessoa muito boa. Ela quer sair disso", "Por um momento, tive medo de que você se tornasse inteligente." Eis o gênero de reflexões bondosas, cheias de compaixão, a que ele teria tido direito se o mundo fosse justo. Mas não, a inteligência é um duplo mal: ela faz sofrer, e ninguém se dá ao trabalho de considerá-la uma doença.

Ser alcoólatra seria, em comparação, uma ascensão social. Ele padeceria de males visíveis, com uma causa conhecida e com tratamentos previstos; não existe desintoxicação para a inteligência. Enquanto, por um lado, o pensamento conduz a determinada exclusão, pela distância do observador com respeito ao mundo observado, ser alcoólatra poderia ser um meio de encontrar um lugar nesse mesmo mundo. E estar perfeitamente integrado na sociedade, quando isso não acontece naturalmente, é o desejo de qualquer alcoólatra. Graças ao álcool, ele não sofreria mais timidez alguma com respeito às relações humanas, e nelas poderia tranqüilamente imiscuir-se.

Por não ter conhecimento acerca do assunto, Antoine não sabia como começar a sua nova carreira. Ser-lhe-ia preciso começar por conter as bebedeiras ou, ao contrário, avançar passo a passo no pântano etílico?

Ele não pôde se conter. A sua curiosidade vivaz impeliu-o à biblioteca municipal de Montreuil a dois passos da sua casa: ele queria tornar-se alcoólatra inteligentemente, de maneira construtiva e culta, conhecer os segredos do veneno que o salvaria. Antoine vasculhou a biblioteca, selecionou os livros que lhe pareciam mais interessantes sob o olhar condescendente do bibliotecário, persuadido de ser inteligente porque andava malvestido. Ele conhecia bem Antoine, havia quatro anos que ele era eleito "o leitor do ano". Apesar dos protestos de Antoine diante deste exibicionismo cultural, o bibliotecário afixara uma fotocópia da sua carteira de biblioteca com a inscrição em letras garrafais: "Leitor do ano." Era ridículo.

Antoine apresentou-se ao balcão com seu Dicionário de bebidas alcoólicas do mundo inteiro, O guia histórico das bebidas alcoólicas, Aperitivos & Vinhos, As mais famosas bebidas, O abecedário do álcool... O bibliotecário registrou o empréstimo e perguntou-lhe:

— Outra vez! Você vai bater o seu próprio recorde do ano passado, meus parabéns. Está fazendo pesquisas históricas sobre o álcool?

— Não, na verdade eu... estou tentando tornar— me alcoólatra. Mas, antes de começar a beber, preferiria conhecer o assunto.

O bibliotecário passou os dias seguintes a indagar se aquilo era uma brincadeira, e depois morreu, misteriosamente esmagado sob um grupo de turistas alemães perto da torre Eiffel.

Após três dias devorando os livros, fazendo anotações e preenchendo fichas de leitura, Antoine procurou entre os seus conhecidos um alcoólatra que pudesse lhe ensinar o método. Uma pessoa que tivesse o cabedal de um professor de vinhos e destilados, um Platão do licor, um Einstein do calvados, um Newton da vodca. O Yoda do uísque. Entre os seus próximos, entre os familiares distantes, entre os colegas e vizinhos, ele procurou e descobriu psicóticos, católicos, um barão, um jogador de palavras cruzadas, um pedólatra, um heroinômano, membros de partidos políticos... e muitas outras taras. Mas nenhum alcoólatra.

A cinqüenta metros, na calçada em frente ao seu apartamento, encontrava-se um bistrô chamado Le Capitaine Eléphant. E foi neste lugar que ele decidiu procurar.

Antoine pegou os seus livros, bem como um pequeno caderno para anotar as suas próximas experiências e todos os novos conhecimentos que ele esperava adquirir. A porta fez vibrar uma sineta, mas ninguém se virou à sua entrada. Ele olhou os clientes e julgou-os para escolher aquele que seria o seu professor. Eram ainda oito e meia da

manhã, mas todos já bebiam galhardamente. Havia tão-somente homens, alguns jovens, a maior parte acima dos quarenta anos; tinham essa idade patinada, imprecisa, dos alcoólatras. A sua vida ferida não lhes tinha podido dar o gosto e a força das paixões sãs e por isso eles gastavam o seu baixo salário nesses sucedâneos da felicidade e da beleza que são as bebidas alcoólicas.

O bar se parecia com milhares de outros bares: balcão de zinco, garrafas alinhadas como soldados de um exército secreto, algumas mesas, um velho juke-box. E, sobretudo, esse coquetel de cheiros de cigarro, de café, de álcool e de produto de limpeza que impregna as lembranças.

Sentado ao balcão, um homem, cabeça coberta com uma boina de guerrilheiro, tinha alinhado onze copos cheios de diferentes líquidos. Antoine viu nele um especialista. Um pouco inseguro, pôs os livros no balcão. O homem não lhe deu bola e esvaziou o primeiro copo. Reportando-se às fotos da sua enciclopédia, Antoine deduziu as diferentes bebidas e as denominou indicando-as com o dedo:

— Porto, gim, vinho tinto, calvados, uísque, conhaque, cerveja, Guinness, bloody mary, e este é sem dúvida champanhe. O vinho tinto é talvez do tipo bordeaux, e o senhor acaba de beber um pastís.

O homem de boina olhou para Antoine com ar suspeitoso. Depois, vendo a aparência inofensiva desse jovem homem de cabelos revoltos, sorriu.

— Nada mal — admitiu. — Você tem talento, rapazinho — disse e tomou o copo de uísque de um trago.

— Obrigado, senhor.

— Você é um pesquisador do álcool? E uma arte original, ainda que eu não tenha a mais mínima idéia de para que isso possa servir. As garrafas geralmente têm rótulos.

— Não — disse Antoine balançando a cabeça e afastando-se discretamente do bafo carregado do homem. — Eu li livros sobre o álcool para aprender as diferentes fabricações, os materiais utilizados... Quero conhecer tudo sobre o álcool.

— E isso lhe servirá para quê? — disparou o homem sorrindo, após ter esvaziado o copo de gim.

— Eu quero tornar-me alcoólatra.

O homem fechou os olhos e apertou o copo com a mão; as suas juntas ficaram brancas, o copo rangeu. Ouviam-se os ruídos da rua, dos carros, das conversas animadas dos comerciantes. O homem inspirou

profundamente e expirou suavemente. Reabriu os olhos e estendeu a mão a Antoine. Sorria de novo.

— Chamo-me Léonard.

— Muito prazer. Ah, sim, eu me chamo Antoine.

Eles apertaram a mão. Léonard observava Antoine, intrigado e entretido. O aperto não afrouxava. Antoine terminou por se soltar.

— Você quer tornar-se alcoólatra... — murmurou Léonard. — Há vinte anos eu teria pensado que você é uma alucinação, mas faz muito que o álcool já não me oferece a realidade como miragem. Você quer tornar-se alcoólatra, e é por isso que tem todos esses livros. Faz sentido.

— Tenho esses livros porque... Eu não quero tornar-me um alcoólatra qualquer. Isso me interessa verdadeiramente, todas as diversas espécies de álcool, os destilados, os licores, os vinhos, há tal riqueza!... Descobri que o álcool está ligado à história da humanidade e que tem mais adeptos que o cristianismo, o budismo e o islamismo juntos. Estou lendo um apaixonante ensaio de Raymond Dumay a esse respeito...

— Ler muito sobre o assunto jamais fará de você um alcoólatra — afirmou Léonard com fleuma. — O alcoolismo é uma atividade que requer certa dedicação, é preciso consagrar a ele muitas horas por dia. Requer uma disciplina, digamos, olímpica. Eu não acredito que você tenha capacidade para isso, rapaz.

— Ouça, não quero parecer imodesto, mas... enfim, falo aramaico, aprendi a consertar o motor de aviões de caça da Primeira Guerra Mundial, a recolher o mel, a trocar as fraldas da cadela da minha vizinha e, quando tinha quinze anos, passei um mês de férias na casa de meu tio Joseph e de minha tia Miranda. Assim, com a sua ajuda, penso que sou capaz de me tornar um alcoólatra. E o meu desejo.

— Com a minha ajuda? — espantou-se gentilmente Léonard. Ele olhou para dentro da sua taça de champanhe — pequenas borbulhas subiam à superfície — e fez um gracejo.

— Sim. Eu conheço a teoria, mas não tenho nenhuma prática. O senhor, em compensação, tem toda a aparência de especialista.

Antoine apontou a fileira de copos no balcão. Léonard tomou o conhaque e reteve-o na boca alguns instantes. As suas bochechas tingiram-se de cor-de-rosa. O dono do bar esfregou o balcão com uma rodilha e levou os copos vazios. Léonard franziu as sobrancelhas.

— E quem lhe disse que você tem aptidão para isso? Você acredita que uma pessoa se torna alcoólatra assim? Que basta querer e beber alguns copos? Eu conheço pessoas que passaram a vida bebendo, mas

que nunca conseguiram tornar-se alcoólatras. Elas não tinham propensão para isso. Então, você... você pensa que tem esse dom? Você vem até aqui e declara tranqüilamente que quer tornar-se alcoólatra, como se isso lhe fosse devido! Deixe-me ensinar-lhe um truque, meu rapaz: é o álcool que escolhe, é o álcool que decide se você é apto para tornar-se um bêbado.

Antoine encolheu os ombros, arrasado: ele nunca tivera a pretensão de crer que seria fácil e por isso mesmo é que saíra para procurar um treinador naquele bar. Léonard reagira com o exagero que caracteriza os velhos lobos-do-mar quando um jovem, inexperiente e ingênuo, declara querer ir para o mar. Por ter passado a infância em pequenos portos bretões, esse era um sentimento que Antoine conhecia muito bem, e que ele compreendia: os artistas são zelosos e ciumentos da sua arte.

— Eu não queria dar esta impressão, senhor Léonard. Confesso a minha ignorância e não sei se sou dotado para isso. Peço-lhe que me aceite como discípulo. O senhor poderia ensinar-me.

— Eu quero tentar, meu jovem — respondeu Léonard, lisonjeado —, mas não lhe posso garantir nada. Se você não tiver o necessário... Nem todo o mundo pode tornar-se alcoólatra, isso é certo, há uma seleção; é triste, mas assim é a vida. E não quero que Você fique a ver navios. Há outras embarcações por aí.

— Eu compreendo.

Léonard hesitou entre o bloody mary e o copo de Guinness. Optou pela cerveja. A espuma pegou-se aos pêlos grisalhos da barba, que ele limpou com uma passada da manga da sua grossa jaqueta azul-marinho.

— Está bem. Tenho de fazer-lhe algumas perguntas. Um tipo de exame prévio.

— Um concurso de admissão?

— Ah, rapaz, compreenda que há condições para o exercício do alcoolismo, isso é coisa séria...

— Não será necessário também obter uma licença? — disse Antoine sorrindo e encolhendo os ombros.

— Mas deveria ser. Alguns, quando lhes falta o álcool, espancam a mulher e os filhos, dirigem de qualquer maneira e votam... O Estado deveria encarregar-se da formação dos alcoólatras, para que eles conhecessem os seus limites, as mudanças na sua apreensão do tempo e do espaço, e da sua personalidade... Como na natação, é melhor assegurar-se de que se sabe nadar antes de saltar no mar.

— No nosso caso — retomou a palavra Antoine — o senhor poderá antes de tudo assegurar-se de que eu sei mergulhar.

— Absolutamente justo, rapaz. Eu quero saber se você tem as bóias para poder mergulhar. Vejamos... Primeira pergunta: por que você quer tornar-se alcoólatra? Parece-me fundamental conhecer a sua motivação.

Esfregando a testa, Antoine refletiu. Olhou para os outros clientes do bar e viu que combinavam perfeitamente com a decoração. Eles tinham uma certa familiaridade, pois, ainda que não se parecessem, eram todos feitos da mesma matéria triste.

— "O alcoolismo tem por causa a torpeza, a esmagadora esterilidade da existência tal qual ela nos é vendida."

— E uma citação? — perguntou Léonard após ter bebido o bloody mary de um trago.

— Sim, de Malcoim Lowry.

— Uma pergunta, rapaz: Quando vai comprar pão, você cita Shakespeare na padaria? "Comprar croissants com manteiga ou pães com chocolate, eis a questão." Eu preferiria que falasse com suas palavras a que convocasse um detestável grande escritor. Se quer o meu parecer, as citações são algo demasiado fácil, porque há tantos grandes escritores que dizem tantas coisas, que a gente nem sequer precisaria exprimir uma opinião pessoal.

— Então, digamos que sou pobre, sem futuro... E sobretudo penso demasiadamente, não consigo impedir-me de analisar e de tentar compreender como todo esse mercado funciona e caminha, e me deixa imensamente triste ver que não somos livres e que cada pensamento, cada ato livre se faz ao preço de um ferimento que não cicatriza nunca.

— Rapaz, você é um poeta: você quer dizer que está deprimido...

— E o meu estado normal, sofro de depressão há vinte e cinco anos.

Léonard deu um tapinha amigável nas costas de Antoine. Um cliente entrou e sentou-se a uma mesa onde se jogavam cartas. Pediu um café e um copo de calvados. O dono ligou o rádio para escutar o noticiário das nove horas.

— Mas, como você sabe, o álcool não o curará. É preciso que você tenha perfeita ciência disso. Ele aliviará as suas feridas, mas lhe dará outras, talvez piores. Você não poderá mais viver sem o álcool, e, ainda que no início experimente uma euforia, uma felicidade em beber, isso desaparecerá rapidamente para dar lugar à tirania da dependência e da

abstinência. A sua vida será feita de brumas, estados de semiconsciência, alucinações, paranóia, crises de delirium tremens, violência contra os que o rodeiam. A sua personalidade se desagregará...

— E o que quero! — decretou Antoine, golpeando o balcão com o seu pequeno punho. — Eu não quero ter força para ser eu, nem coragem nem cobiça de ter algo parecido com uma personalidade. Uma personalidade é um luxo que me custa muito caro. Quero ser um espectro banal. Estou sufocado pela minha liberdade de pensamento, por todos os meus conhecimentos, pela minha abominável consciência!

Após ter esvaziado o copo do porto, Léonard fez uma careta. Ele continuou, pensativo, o copo levantado, a olhar-se no espelho diante dele e em parte oculto pelas garrafas. À medida que esvaziava os copos, ele se amolecia cada vez mais sobre o balcão, os olhos se estreitavam e, ao mesmo tempo, seus gestos se tornavam menos trementes, mais amplos e fluidos. Como última pergunta do "exame", Léonard pediu a Antoine que adivinhasse por que ele alinhara no balcão onze copos de diferentes bebidas.

— Para não provocar ciúme? — respondeu imediatamente Antoine.

— Para não provocar ciúme... — murmurou Léonard sorrindo e tamborilando suavemente com um copo no balcão. — Você poderia ser mais preciso?

— Talvez assim o senhor preste homenagem, igualmente, a todas essas espécies de bebidas. O senhor não é um amante da cerveja ou do uísque escocês, o senhor não é nada sectário; o senhor ama o álcool em todas as suas declinações. O senhor é um amante do álcool com A maiúsculo.

— Eu nunca tinha pensado assim, mas... sim, estou de acordo com você. Antoine, Antoine... Você me parece ter aptidões, pode ser que a natureza em sua grande misericórdia lhe tenha concedido o dom. Mas eu tenho de pô-lo a par de todos os aborrecimentos a que você terá direito. Você vomitará freqüentemente, o seu estômago será enodado e ácido, você terá enxaquecas e problemas de todos os tipos, cerebrais, dores na coluna, nos músculos e nos ossos, terá recorrentes diarréias, úlceras, problemas de visão, insônias, acessos de calor, crises de angústia. Em troca de um pouco de calor e consolo, o álcool lhe oferecerá tudo isso, e você tem de estar consciente disso.

Entraram dois novos clientes. Eles apertaram a mão do dono, cumprimentaram Léonard. Sentaram-se a uma mesa ao fundo do bar, acenderam o cachimbo e beberam cerveja, compartilhando as páginas do

jornal. Antoine olhou para Léonard com seus olhos francos; como sempre, ele estava muito calmo, muitíssimo seguro da sua decisão. Passou, a mão pelos cabelos e os desalinhou.

— E o que quero, quero Outros tormentos, males reais, manifestações físicas de um comportamento preciso. A causa do meu mal será o álcool; não a verdade, mas o álcool. Prefiro uma doença que se mantém nos limites de uma garrafa a uma doença imaterial e todo-poderosa a que não posso dar nome. Saberei a causa das minhas dores. O álcool ocupará todos os meus pensamentos, preencherá cada um dos meus segundos a pequenos copos...

— Eu aceito — disse Léonard após ter acariciado a barba. — Quero realmente ser o seu professor de alcoolismo. Serei severo e o porei para trabalhar. E uma aprendizagem de longo prazo, quase uma ascese.

— Obrigado, obrigado de todo o coração — disse calmamente Antoine, apertando a mão seca e áspera do alcoólatra.

Léonard levantou a mão e estalou os dedos para chamar o dono, que lia Le Parisien na outra extremidade do balcão, perto da caixa registradora:

Roger, uma loura para o rapaz! — O dono pôs a cerveja diante de Antoine. — Obrigado. Vamos começar suavemente. Esta é a cerveja de cinco graus, isto você suportará, é preciso habituar o seu paladar, acostumar o seu fígado primaveril. Ninguém se torna alcoólatra tomando um porre todos os sábados à noite, é preciso perseverança e constância. Beber todo o tempo, não obrigatoriamente coisas fortes, mas fazendo-o seriamente, com aplicação. A maior parte das pessoas se torna alcoólatra sem método, bebe uísque e vodca em quantidades enormes, fica doente, e recomeça a beber. Se você aceita a minha opinião, Antoine, esses são uns cretinos. Cretinos e amadores! Pode-se muito bem tornar-se alcoólatra de maneira mais inteligente, por uma sábia utilização das doses e graus do álcool.

Antoine olhava para o grande copo de cerveja coroado de espuma branca; através desse prisma, tudo era dourado. Léonard levantou a sua boina e a enfiou nos cabelos de Antoine.

— Vamos, meu bom homem, não precisa ter medo, é pelo lado de dentro que você vai embriagar-se.

— Preciso beber tudo de um só e grande gole — perguntou Antoine, um pouco intimidado — ou posso fazê-lo aos pouquinhos, aos golinhos?

— Isso é você quem decide. Se você gostar do sabor e se você não quiser ficar bêbado demasiado rápido, beba aos golinhos, deguste esse néctar de lúpulo. Se não, se você o achar demasiado repugnante, vire o copo de uma vez.

Após ter cheirado o líquido e sentir a espuma no nariz, Antoine começou a beber. Fez uma careta, mas continuou a esvaziar o copo.

Cinco minutos depois, uma ambulância freou derrapando na calçada diante do Le Capitaine Eléphant. Dois enfermeiros munidos de uma maca apareceram no bar e carregaram Antoine em pleno coma alcoólico. No balcão, o seu copo jazia pela metade.

Na segunda-feira seguinte, Antoine encontrava-se diante do edifício, na praça Clichy. Entre as tabuletas de médicos, de cursos de teatro, de uma seção dos Alcoólicos Anônimos, de um grupo de escoteiros, de um partido político, ele encontrou uma placa de cobre na qual estava gravado:

"S.P.T.P.T.M, associação fundada em 1742." Antoine apertou o botão que fazia abrir a pesada porta do edifício. Seguindo a pista dos cartazes, após ter atravessado um corredor, ele penetrou por uma porta dupla numa longa peça iluminada por grandes janelas.

Já estavam presentes umas trinta pessoas. Algumas, sentadas, liam ou esperavam, enquanto a maior parte discutia em pequenos grupos dispersos. Um quarteto tocava uma peça de Schubert. Uma mulher vestida de smoking negro parecia ser a responsável. Ela recebeu Antoine com afabilidade e apresentou-se como a professora Astanavis. Os participantes eram jovens, velhos, de todas as classes sociais, de todos os tipos. Eles pareciam tranqüilos; remexiam nas suas bolsas, discutiam, trocavam papéis. Começaram a se sentar. A maior parte tinha um bloco ou um caderno. Todos esperavam que o curso começasse, caneta na mão, cochichando, explodindo de rir.

Enchia a sala uma dezena de fileiras de quinze cadeiras; ao findo, sobre um estrado, encontrava-se uma estante de leitura diante da qual se instalou a professora Astanavis. Todos os alunos estavam agora sentados. As quatro paredes da sala estavam cobertas de retratos ou de fotos de suicidas célebres:

Gérard de Nerval, Marilyn Monroe, Guies Deleuze, Stefan Zweig, Mishima, Henri Roorda, Ian Curtis, Romain Gary; Hemingway e Dalida.

O público zumbia palavras e risos como antes do início de todo e qualquer curso ou conferência. Antoine sentou-se numa das fileiras do

meio, entre um homem elegante de cara fechada e duas jovens sorridentes. A professora tossiu no punho. Fez-se silêncio. — Senhoras, senhoritas, senhores, antes de mais nada permitam-me anunciar-lhes, ainda que alguns já estejam a par, o suicídio bem-sucedido do professor Edmond. Ele conseguiu!

A professora Astanavis pegou um controle remoto e dirigiu-o para a parede coberta por um quadro branco. Apareceu a imagem de um homem enforcado num quarto de hotel. Não bastasse, ele tinha as veias dos pulsos abertas e o sangue formara dois grossos círculos vermelhos no carpete bege. Quando a foto fora tirada, o corpo devia balançar ligeiramente, pois o seu rosto estava desfocado. Os espectadores em torno de Antoine aplaudiram e fizeram, entre si, comentários elogiosos sobre esse suicídio mesclado.

— Ele conseguiu e, como vocês podem ver, para que não se frustrasse o seu intento, por pura precaução, para o caso de a corda afrouxar-se, ele cortou os pulsos. Eu creio que isso merece mais alguns aplausos!

Os alunos aplaudiram novamente, levantaram-se, exclamaram, assobiaram. Antoine permaneceu sentado, observando, assombrado, a manifestação de júbilo para celebrar a morte de um homem.

— Nós temos um novo amigo esta noite — disse a professora apontando Antoine. — Vou pedir-lhe que se apresente.

Todo o mundo se virou para Antoine. Este, algo intimidado pela idéia de tomar a palavra em público, se levantou sob os olhares benévolos e os encorajamentos silenciosos da assistência.

— Eu me chamo Antoine, eu... tenho vinte e cinco anos.

— Seja bem-vindo, Antoine — responderam em coro os participantes.

— Antoine — interveio a professora —, pode dizer-nos por que está aqui?

— A minha vida é um desastre — explicou Antoine sempre de pé, esfregando nervosamente as mãos. — Mas isso não é o mais grave. O verdadeiro problema é que sou consciente disso...

— E você escolheu suicidar-se — murmurou a professora, apoiando as mãos na estante — para penetrar no nada pacificador.

— De fato, sou tão pouco dotado para viver que talvez me realize na morte. Sem dúvida tenho mais capacidade para estar morto do que para estar vivo.

— Eu estou certa, Antoine — aprovou a professora — de que você será um grande morto. E é por isto que estou aqui: para ensiná-lo, para ensinar você a dar cabo desta vida que nos dá tão pouco e nos toma tanto. A minha teoria... A minha teoria é que é melhor morrer antes que a vida nos tenha tomado tudo. E preciso guardar munição, energia para a morte e não chegar vazio como os velhos azedos e infelizes. Pouco me importa que vocês sejam crentes, ateus, agnósticos ou diabéticos, isso não é da minha alçada. Eu penso certas coisas e vou falar-lhes a respeito delas, mas não estou aqui para tentar convencê-los a morrer ou do que são a vida e a morte. Trata-se da sua experiência, das suas razões, da sua escolha. O nosso ponto comum é que a vida não nos satisfaz, e que queremos dar fim a ela — isto é tudo. Eu vou ensiná-los a suicidar-se de maneira eficaz, para não falharem, e de maneira bela, original. O meu ensinamento versa sobre a maneira de matar-se, não sobre as razões que incitam a ação. Não somos uma Igreja, nem uma seita. A qualquer momento, vocês poderão chorar, deixar este curso, gritar: vocês têm o direito de fazer tudo isso. Vocês podem até apaixonar-se pelo colega do lado e retomar o gosto pela vida... Por que não? Isso lhes fará bem, ainda que se arrisquem a voltar dentro de seis meses. Se, por infelicidade, eu ainda estiver por aqui.

Alguns dos companheiros de Antoine riram. A professora falava calmamente, não como um tribuno político ou um orador religioso, mas com o desembaraço de uma professora de literatura diante de um anfiteatro atento. Com as mãos no paletó do smoking, ela era tão sobremaneira brilhante que não tinha necessidade de recorrer a efeitos exagerados, cênicos ou retóricos, para artificialmente ser enfática.

— Há uma censura do suicídio. Política, religiosa, social, natural até, pois a senhora Natureza não gosta de que tomemos liberdades com respeito a ela, quer manter-nos sob as suas rédeas até o fim, quer decidir por nós. Quem decide em relação à morte dos homens? Nós delegamos esta suprema liberdade à doença, aos acidentes, ao crime. Chama-se a isso acaso. Mas é falso. Esse acaso é a sutil vontade da sociedade que pouco a pouco nos envenena com a poluição, que nos massacra com guerras e acidentes... A sociedade decide, assim, a data da nossa morte pela qualidade da nossa alimentação, pela periculosidade do nosso ambiente quotidiano, pelas nossas condições de trabalho e de vida. Nós não escolhemos viver, não escolhemos a nossa língua, o nosso país, a nossa época, os nossos gostos, nós não escolhemos a nossa vida. A única liberdade é a morte; ser livre é morrer.

A professora bebeu um gole d’água. Permaneceu com os braços apoiados na beira da estante. Olhava atentamente para todos os participantes na sala, balançava a cabeça, cúmplice, como se uma intimidade compreensiva os unisse.

— Mas tudo isso são futilidades. Chega-se a essa conclusão, pensa-se nisso, a encontrar certa nobreza, uma sublimação, uma legitimação, uma transcendência... sei lá... a ilusão de um absoluto chamado morte ou liberdade que gostaríamos de fazer coincidir com uma igualdade perfeita. A verdade... a minha verdade — tenho de ser clara, falo de mim — é que estou doente. Um câncer achou que o meu corpo seria uma bela ilha paradisíaca e ali ele passa as suas férias, com os pés no oceano do meu sangue, bronzeando-se sob o sol do meu coração... Ele não tem necessidade de barraca, ele zomba dos raios de sol. As suas férias remuneradas consistem em me fazer morrer. Sofro atrozmente... Todos vocês sabem do que estou falando. Para não me contorcer de dor, sou obrigada a tomar injeções de morfina, a abarrotar-me de analgésicos... — Do bolso interno do paletó, ela tira um pequeno vidro de medicamentos e o agita. — Isso tem um preço, o preço da minha consciência. Eu tenho controle sobre minha cabeça, mas isso corre o risco de não durar e por isso prefiro eliminar-me enquanto ainda sou "eu", antes de me deixar retalhar por um médico, estendida sem consciência numa mesa de cirurgia. E uma pequena liberdade, uma liberdade miserável. Se vocês estão aqui, é porque também vocês têm, sem dúvida, cânceres orgânicos ou cânceres da alma, tumores sentimentais, leucemias amorosas e metástases sociais que os corroem. E é isso o que determina a nossa escolha, muito mais que qualquer grande idéia a respeito da nossa liberdade. Sejamos francos: se gozássemos de boa saúde, se fôssemos amados como merecemos, considerados, com um belo lugar na sociedade, estou certa de que esta sala estaria completamente vazia.

A professora terminou a sua apresentação. Toda a assistência aplaudiu; as duas que estavam ao lado de Antoine se levantaram, impressionadas e emocionadas. A professora tirou a flor vermelha da sua botoeira e a pôs no copo d'água que estava sobre a sua estante.

Durante a hora e meia que se seguiu, a professora deu o seu curso. Ela ensinou diversas maneiras de se suicidar eficazmente. Ensinou ao seu auditório como fazer um verdadeiro nó corredio, elegante e sólido, que medicamentos escolher, como dosá-los e combiná-los para morrer agradavelmente. Deu, e preparou, receitas de coquetéis mortais de belas cores, e que ela assegurou serem deliciosos. Descreveu detalhadamente as diferentes armas de fogo e os seus efeitos nos crânios e na anatomia do cérebro, de acordo com o calibre e a distância do tiro; aconselhou que, antes de dar um tiro na cabeça, se tirasse uma radiografia do crânio para determinar em que lugar pôr o cano da arma para que não houvesse falhas. Com a ajuda de slides de esquemas descritivos, ensinou aos atentos alunos que veias do pulso cortar, como e com que cortá-las. Desaconselhou o uso de meios aproximativos como o gás. Contou o

suicídio de Mishima, de Catão, de Empédocles, de Zweig... Todos esses suicídios de situação que deram sentido ao mundo. Enfim, ela terminou o curso com uma homenagem ao professor Edmond, lembrando que era preferível combinar duas forças letais para que e a coisa não falhasse: medicamentos e forca, veias e revólver...

Finda a aula, Antoine deixou a sala antes que alguém tentasse comentá-la com ele. O quarteto recomeçou a tocar. Ao sair, passou diante da lojinha da associação, que expunha, numa deslumbrante decoração de casa de bonecas, lindas cordas, brochuras, livros, armas, venenos, amanitinas falóides secas, bem como o necessário para acompanhar uma bela morte: vinhos, acepipes, música. Ele subiu a avenida de Clichy até a estação de metrô La Fourche; a cidade flutuava nos seus olhos como se ele estivesse bêbado. Agora que ele sabia como matar-se, que ele perdera a inocência do amador para possuir o saber do profissional, ele já não o desejava.

Antoine não queria viver, é verdade, mas tampouco queria morrer.

3.

— NÃO SEI SE O SENHOR PERCEBEU, mas calculando as dimensões, a circunferência e o peso de uma baguete pode-se alcançar o equilíbrio estético perfeito. E sem dúvida isso não é obra do acaso.

O padeiro aquiesceu e deu-lhe um pão inteiro.

Antoine vivia em Montreuil, nos limites de Paris. O que fazia Aslee dizer que ele vivia em Paris, no limite. Aslee era o seu melhor amigo. Antoine quase nunca o chamava pelo seu prenome completo, mas sim por uma abreviação, As. Isso o divertia muito, porque em samoano — e Aslee era samoano — As quer dizer "água da montanha".

As devia medir mais de dois metros, mas se deslocava com a agilidade de um cetáceo na água. E era dotado de um caráter impressionante. Isso remontava à sua infância.

A Nené, fábrica de produtos alimentícios, tinha por hábito testar os novos produtos, antes da sua entrada no mercado, num grupo de consumidores. Os pais de Aslee eram muito pobres e o tinham inscrito em testes para receber bônus de aquisição de alimentos. Nesta época, a Nené queria lançar uma nova variedade de potinhos para bebês com um complemento de vitaminas e fósforo. Em doses infinitesimais, o fósforo é

bom para a saúde, mas houvera um erro de dosagem na fábrica — um engenheiro confundiu microgramas com quilogramas. Em decorrência deste equívoco industrial, não morreu nenhuma das crianças dos testes, mas as sobreviventes tiveram cânceres e outras doenças graves. Aslee teve a sorte relativa de não ter senão problemas mentais que retardaram o seu desenvolvimento cerebral. Ele não tinha deficiência intelectual propriamente dita, apenas o seu espírito tomava caminhos particulares, e sua razão seguia uma lógica que ninguém compartilhava. Outra conseqüência daqueles pequenos potes para bebês superdosados em fósforo era que Aslee brilhava na noite. Era muito bonito. Quando perambulavam pelas ruas à noite, As, ao lado de Antoine, parecia um imenso pirilampo que iluminava o caminho pelas ruelas escuras.

Para sanar os seus males, As passara a infância numa instituição especializada. Durante muitos anos, ele permaneceu mudo, e nenhuma reeducação clássica o conseguiu arrancar do silêncio. Depois, uma fonoaudióloga amante da poesia descobriu que o único meio de fazer As falar era provocá-lo em versos. A sua linguagem manca tinha necessidade de pés: os versos eram muletas para as suas palavras. Pouco a pouco, ele pôde levar uma vida quase normal e deixou o hospital com a idade de dezesseis anos. Desde então, apesar do caráter plácido que o aproximava mais do cochilo que da vigília, passara a ocupar postos de guarda; a sua estatura imponente era adequada para espantar eventuais ladrões. Duas outras qualidades tinham certo efeito sobre os raros ladrões com os quais se confrontou: primeiro sua luminosidade o fazia parecer um espectro, uma aparição sobrenatural; depois, se o ladrão não se evaporasse ou fugisse, o fato de Aslee falar em versos acabava por aterrorizá-los. E, assim, passou ele dois anos e meio como guarda do Museu Nacional de História Natural do Jardin des Plantes.

Aí Antoine o encontrara. As gostava muito de passear, após o serviço, pelos andares da grande galeria da Evolução. Era um ambiente impressionante, povoado de milhares de animais empalhados, o que dá ao visitante o sentimento de passear numa arca de Noé congelada no tempo. Uma atmosfera de mistério emanava desse lugar pouco iluminado; a penumbra, pelo contraste com a luz voltada para os animais, envolve os curiosos, que murmuram e sussurram por medo de acordar elefantes, feras e pássaros. Certa manhã, visitava Antoine a galeria pela primeira vez, caminhava com um encantamento e uma impaciência genuínos, admirava os animais imóveis em poses impressionantes, lia as tabuletas e os painéis que descrevem a sua vida e o seu habitat. Planando, o seu espírito voraz nutria-se de toda essa cultura. Uma vaga forma estranhamente iluminada chamou a sua atenção. Ele pensou, imediatamente, que fosse uma espécie de homem de Neandertal ou um

exemplar raríssimo de yeti glabro a que se teriam posto trajes e calçados. Antoine baixou os olhos em busca de uma tabuleta explicativa, de uma informação científica sobre a origem e a época desse estranho espécime. Ele a procurou aos pés da criatura, mas nada encontrou. Levantou a cabeça: a criatura sorria-lhe e estendia-lhe a sua enorme mão. Foi assim que se tornaram amigos.

Eles estavam sempre juntos. As não falava muito, mas isso convinha a Antoine, que tinha o pensamento e a palavra agitados. As interrompia as suas eternas interrogações com alexandrinos que preenchiam as suas doze sílabas de sentidos mais profundos que a prolixidade de Antoine. Este gostava da síntese e da poesia das palavras de As, e As, em contrapartida, gostava da abundância, da selva das palavras de Antoine.

Charlotte, Ganja, Rodolphe, As e Antoine encontravam-se de noite no pequeno bar islandês da rua Rambuteau, o Gudmundsdottir. Eles jogavam xadrez, discutiam ingurgitando bebidas e pratos de nomes impronunciáveis e de composições misteriosas. Eles não sabiam o que engoliam, se era carne ou peixe, quais eram os legumes loucos, mas tais sabores inéditos os divertiam. Esse pequeno bar-restaurante era o ponto de encontro dos islandeses expatriados, bem como de outros clientes que deglutiam a mesma língua estranha. Antoine tinha notado que aqui, ao menos, ele tinha uma razão lógica para não compreender o que diziam as pessoas. Nesse lugar improvável, muitas noites por semana, com os seus amigos, ele brincava de retrato chinês, de inventar novos países, e do jogo que eles chamavam "o jogo do mundo se divide em dois". E um jogo que consiste em encontrar as verdadeiras divisões do mundo, as que são verdadeiramente pertinentes, uma vez que, infalivelmente, o mundo se divide sempre em dois: os que gostam de passear de bicicleta e os que rodam rápido de carro; os que deixam a camisa fora da calça e os que a põem para dentro; os que tomam chá sem açúcar e os que o tomam com açúcar; os que pensam que Shakespeare é o maior escritor de todos os tempos e os que pensam que o maior deles é André Gide; os que gostam dos Simpsons e os que gostam de South Park; os que gostam de Nuteila e os que gostam das couves-de-bruxelas. Com real preocupação antropológica, eles compunham, assim, as listas de divisões fundamentais da humanidade.

E foi em uma das suas reuniões secretas, uma semana depois da sua saída do hospital, numa quinta-feira, 20 de julho, que Antoine anunciou aos amigos a sua intenção de se tornar estúpido.

4.

O RESTAURANTE ENCHIA. Uma miniatura de viking saiu do relógio pendurado na parede e, com o seu machado, deu dez golpes num escudo. O barulho das conversas em islandês e da música tradicional a toda volta faziam da mesa de Antoine e seus amigos uma ilha. Os cheiros da cozinha e da cerveja misturavam-se e formavam uma névoa suspensa na pequena sala do restaurante. Monstros e deuses da mitologia islandesa transformados em lanternas iluminavam acima da cabeça dos clientes. Os garçons sobrecarregados ziguezagueavam entre as mesas próximas e cheias. Antoine pegou na bolsa o grande caderno em que anotara a sua profissão de fé. Ele pediu aos amigos que não o interrompessem e, com voz tensa e emocionada, começou a ler:

"Há pessoas para quem as melhores coisas não funcionam. Elas podem estar vestidas com uma roupa de caxemira, que terão sempre a aparência de mendigos; podem ser ricas, mas serão endividadas; ser grandes, mas nulidades no basquete. Eu hoje me dou conta de que pertenço à espécie das que não conseguem beneficiar-se das suas vantagens, aquelas para quem tais vantagens chegam a ser inconvenientes.

"A verdade sai da boca das crianças. Na escola primária, ser inteligente resultava num insulto infame; quando crescemos, ser um intelectual passa a ser quase uma qualidade. Mas isso é uma mentira: a inteligência é uma tara. Assim como os vivos sabem que vão morrer, e como os mortos não sabem nada, penso que ser inteligente é pior que ser asno, porque o asno não se dá conta disso, ao passo que qualquer inteligente, ainda que humilde e modesto, o sabe forçosamente.

"Está escrito no Eclesiastes que 'quem tem a sua ciência aumentada, este também tem aumentada a sua dor', mas, não tendo tido jamais a felicidade de freqüentar o catecismo com as outras crianças, não fui prevenido dos perigos do estudo. Os cristãos têm a sorte, quando jovens, de ser postos em guarda contra o perigo da inteligência; por toda a vida saberão distanciar-se dela. Bem-aventurados os pobres de espírito.

"Os que pensam que a inteligência tem alguma nobreza não podem, certamente, dar-se conta de que ela não passa de maldição. Os que me cercam, os meus colegas de classe, os meus professores, todo o mundo sempre me julgou inteligente. Eu nunca compreendi bem por que nem como eles chegavam a este veredicto acerca da minha pessoa. Eu freqüentemente sofria esse racismo positivo da parte dos que confundem a aparência de inteligência com inteligência, e nos condenam, com um preconceito falsamente favorável, a encarnar uma figura de autoridade.

Assim como a mídia se extasia com um jovem ou uma jovem dotados de beleza maior, assim, para humilhação silenciosa dos menos dotados pela natureza, eu era a criatura inteligente e culta. Como eu detestava aquelas sessões em que participava, a contragosto, para magoar, para rebaixar os rapazes e moças considerados menos brilhantes!

"Eu jamais fui esportista; as últimas competições importantes que fatigaram os meus músculos foram os campeonatos de bola de gude na escola primária, no pátio de recreio. Os meus braços finos, o meu fôlego curto, as minhas pernas lentas não me permitiam fazer os esforços necessários para acertar numa bola com eficácia; eu tinha força somente para explorar o mundo com o meu espírito. Demasiado medíocre para o esporte, só me restavam os neurônios para inventar jogos de bola de gude. A inteligência era uma saída.

"A inteligência é um erro da evolução. No tempo dos primeiros homens pré-históricos, posso imaginar perfeitamente bem, no seio de uma pequena tribo, todos os meninos correndo no mato, perseguindo os lagartos, colhendo bagas para o jantar; e pouco a pouco, em contato com adultos, aprendendo a ser homens e mulheres completos: caçadores, coletores, pescadores, curtidores...

Mas, olhando mais atentamente a vida desta tribo, percebe-se que algumas crianças não participam das atividades do grupo: elas permanecem perto do fogo, protegidas no interior da caverna. Elas jamais saberiam se defender dos tigres-dentes-de-sabre, nem poderiam caçar; entregues a si mesmas, não sobreviveriam por uma noite. Se elas passam os dias sem fazer nada, tal não se dá por indolência, não, elas bem que gostariam de dar cambalhotas com os companheiros, mas não o podem. Ao pô-las no mundo, a natureza manquejou. Nesta tribo, há uma pequena cega, um rapaz coxo, um rapaz desajeitado e distraído... Assim, eles permanecem no acampamento o dia todo, e, como não têm nada para fazer e como os videogames ainda não tinham sido inventados, são obrigados a refletir e a deixar deambular os seus pensamentos. E passam o tempo a pensar, a imaginar histórias e invenções. Eis como nasceu a civilização: porque crianças com defeitos não tinham nada mais para fazer. Se a natureza não estropiasse ninguém, se o molde fosse sempre sem falha, a humanidade teria permanecido numa espécie de proto-humanidade, feliz, sem nenhum pensamento de progresso, vivendo muitíssimo bem sem Prozac, sem preservativos nem aparelho de DVD dolby digital.

"Ser curioso, querer compreender a natureza e os homens, descobrir as artes deveria ser a tendência de todo e qualquer espírito. Mas, se assim fosse, com a atual organização do trabalho, o mundo

deixaria de girar, simplesmente porque aquilo demanda tempo e desenvolve o espírito crítico. Ninguém trabalharia. Eis por que os homens têm gostos e desgostos, coisas que os interessam e coisas que não os interessam — porque, se assim não fosse, não haveria sociedade. Os que se interessam demasiadamente pelas coisas, que se interessam até por assuntos que não os interessariam a priori — e que querem compreender as razões do seu desinteresse — pagam o preço disso com certa solidão. Para escapar a esse ostracismo, é necessário dotar— se de uma inteligência que tem uma função, que serve a uma ciência ou a uma causa, a um oficio; simplesmente, uma inteligência que serve para algo. A minha suposta inteligência, demasiado independente, não serve para nada, ou seja, ela não pode ser recuperada para ser empregada pela universidade, por uma empresa, por um jornal ou por um escritório de advocacia.

"Eu tenho a maldição da razão; sou pobre, solteiro, depressivo. Há meses reflito sobre a doença de refletir demasiadamente e estabeleci com toda a certeza a correlação entre a minha infelicidade e a incontinência da minha razão. Pensar, tentar compreender nunca me trouxe nenhum beneficio, mas, ao contrário, sempre atuou contra mim. Refletir não é uma operação natural e fere, como se revelasse cacos de garrafa e arames farpados misturados com o ar. Eu não consigo deter o meu cérebro, diminuir o seu ritmo. Sinto-me como uma locomotiva, uma velha locomotiva que se precipita nos trilhos e que não poderá jamais parar, porque o combustível que lhe dá a sua potência vertiginosa, o seu carvão, é o mundo. Tudo o que vejo, sinto, escuto se engolfa no forno do meu espírito e o impele e faz funcionar a pleno vapor. Tentar compreender é um suicídio social, e isso significa já não desfrutar a vida sem sentir-se, a contragosto, e ao mesmo tempo, uma ave de rapina e um abutre que despedaça os seus objetos de estudo. Freqüentemente matamos aquilo que buscamos compreender porque, como para o estudante de medicina, não há verdadeiro conhecimento sem dissecção: descobrem-se as veias e a circulação do sangue, a organização do esqueleto, os nervos, o funcionamento íntimo do corpo. E, numa noite de terror, nos encontramos numa cripta úmida e sombria, com um escalpelo na mão, todo manchado de sangue, sofrendo constantes náuseas, com um cadáver frio e informe sobre uma mesa de metal. Depois, pode-se sempre tentar ser um professor Frankenstein e reunir tudo isso para fazer dele um ser vivo, mas sempre se corre o risco de fabricar um monstro assassino. Eu vivi demasiadamente nos necrotérios; hoje, sinto aproximar-se o perigo do cinismo, do amargor e da infinita tristeza; rapidamente nos tornamos dotados para a infelicidade. Não é possível viver demasiadamente consciente, demasiadamente pensante. Aliás,

observemos a natureza: tudo o que vive muito e contente não é inteligente. As tartarugas vivem séculos, a água é imortal, e Milton Friedman está sempre vivo. Na natureza, a consciência é a exceção; pode-se até postular que ela é um acidente, uma vez que ela não assegura nenhuma superioridade, nenhuma longevidade particular. No quadro da evolução das espécies, ela não é sinal de uma melhor adaptação. São os insetos que, em idade, em número e em território ocupado, são os verdadeiros mestres do planeta. A organização social das formigas, por exemplo, é muito mais bem-sucedida do que jamais será a nossa e nenhuma formiga tem cátedra na Sorbonne.

"Todo o mundo tem coisas para dizer acerca das mulheres, dos homens, dos policiais, dos assassinos. Nós generalizamos a partir da nossa própria experiência, do que nos cabe viver, do que se pode compreender com os esquálidos recursos dos nossos feixes neuronais e segundo a perspectiva da nossa visão. E uma facilidade que permite pensar rapidamente, julgar e posicionar-se. Isso não tem valor em si, são sinais, pequenas bandeiras que todos agitamos. E todo o mundo defende a verdade das suas vantagens, do seu sexo, da sua fortuna.

"Em um debate, as generalidades oferecem a vantagem da simplicidade e da fluidez dos raciocínios, da sua compreensão fácil, e, por conseguinte, de maior impacto sobre os ouvintes. Para traduzir isso em linguagem matemática, as discussões baseadas em generalidades são adições, operações simples, que, por sua evidência, fazem crer em sua pertinência. Ao passo que uma discussão séria daria antes a idéia de uma seqüência de inequações não raro desconhecidas, de integrais e bolinhas com nomes complexos.

"Uma pessoa sábia terá sempre, numa discussão, a impressão de simplificar, e o seu único desejo seria cortar, colar asteriscos a determinadas palavras, pôr notas de rodapé e comentários em fim de livro para exprimir verdadeiramente o seu pensamento. Mas, numa conversa a um canto de um corredor, num jantar animado ou nas páginas de um jornal, isso é absolutamente impossível: não se trata, então, de rigor, de objetividade, de imparcialidade, de honestidade. A virtude é um handicap retórico e não é eficaz num debate. Alguns espíritos brilhantes, vendo a vacuidade necessária de toda e qualquer discussão, têm optado pela esperteza e sugerem a complexidade pelo paradoxo e por um humor distanciado. Por que não se, além do mais, tudo não passa de um meio de sobreviver?

"Os homens simplificam o mundo pela linguagem e pelo pensamento, e assim eles têm certezas; e ter certezas é a mais poderosa volúpia neste mundo, muito mais poderosa que o dinheiro, o sexo e o

poder reunidos. A renúncia a uma verdadeira inteligência é o preço a pagar por ter certezas, e é sempre uma reserva invisível no banco da nossa consciência. A esse respeito, eu prefiro ainda os que não se cobrem com o manto da razão e afirmam a ficção da sua crença. Ou seja, um crente em que a sua fé não seja nada além da crença e não uma presunção sobre a verdade das coisas reais.

"Há um provérbio chinês que diz, por alto, que um peixe nunca sabe quando urina. Isso se aplica perfeitamente aos intelectuais. O intelectual está persuadido de que é inteligente, porque se serve do seu cérebro. O pedreiro se serve das suas mãos, mas tem um cérebro que lhe pode dizer: 'Ei! essa parede não está reta, e, além disso, você se esqueceu de pôr cimento entre os tijolos.' Há um vaivém entre o seu trabalho e a sua razão. O intelectual, ao trabalhar com a sua razão, não possui esse vai-e-vem, as suas mãos não se animam a dizer-lhe: 'Ei, meu caro, você está enganado! A Terra é redonda.' Falta ao intelectual esse retorno, razão por que ele se julga capaz de ter um parecer esclarecido a respeito de todos os assuntos. O intelectual é como um pianista que, por utilizar as mãos com virtuosidade, pensa ter aptidão para ser, naturalmente, jogador de pôquer, boxeador, neurocirurgião e pintor.

"Evidentemente, os intelectuais não são os únicos a quem compete a inteligência. Em geral, quando alguém começa por dizer 'Não é para ser demagógico, não, mas...', é efetivamente para ser demagógico. Por isso, eu não sei dizer muito bem o que poderia ser interpretado como condescendência. Estou convencido de que a inteligência é uma virtude compartilhada pelo conjunto da população, sem distinção social: há igual porcentagem de pessoas inteligentes entre os professores de história e os marinheiros-pescadores bretões, entre os escritores e os datilógrafos... Isso o sei pela minha própria experiência, à força de me aproximar de brain-builders, pensadores e professores, intelectuais idiotas e, ao mesmo tempo, de pessoas normais, inteligentes sem certificado de inteligência, sem a aura institucional. Eu não posso dizer outra coisa. E tão contestável quão impossível é um estudo científico. Encontrar alguém inteligente e sensato não é função do diploma; não há teste de Q.I. para revelar o que se poderia chamar bom senso. Eu penso e repenso no que dizia Michael Herr, roteirista de Nascido para matar, no seu magnífico livro sobre Kubrick: 'A estupidez das pessoas não deriva da sua falta de inteligência, mas da sua falta de coragem

"Uma coisa que se pode admitir é que, freqüentar grandes obras, servir-se do seu próprio espírito, ler livros de gênios não asseguram a ninguém inteligência, mas tornam isso provável. Naturalmente, há pessoas que terão lido Freud, Platão que saberão fazer trocadilhos com os quarks e ver a diferença entre os falcões-peregrinos e um peneireiro, e

que, todavia, serão rematados imbecis. Não obstante, potencialmente, estando em contato com uma multidão de estímulos e deixando o seu espírito freqüentar uma atmosfera enriquecedora, a inteligência encontra terreno favorável para o seu desenvolvimento, exatamente da mesma maneira que uma doença. Pois a inteligência é uma doença."

Enfim, leu Antoine a conclusão. Fechou o caderno e olhou para os amigos com ar de cientista que tivesse feito a demonstração inquestionável de um dos grandes mistérios da ciência diante de urna assembléia de distintos colegas pasmados.

5.

GANJA EXPLODIU NUMA GARGALHADA que perdurou toda a noite; um islandês, sentado à mesa de trás, estendeu-lhe o maço de cigarros: parecia que o riso trêmulo de Ganja significava em islandês alguma coisa como: "O senhor teria cigarros?" Assim, cada vez que ele ria, um amável islandês lhe oferecia um cigarro. Rodolphe fez a observação de que Antoine não teria de fazer muito esforço para ser estúpido; Charlotte tomou-lhe a mão afetuosamente; As olhou-o com os seus grandes olhos assombrados.

Com tocante simplicidade, Antoine explicou que ele não podia impedir-se de pensar, de tentar compreender, e que isso o tornava infeliz. Se pelo menos o estudo lhe desse a alegria do garimpeiro de ouro... Mas o ouro que ele encontrava tinha a cor e o peso do chumbo, O seu espírito não lhe dava tréguas, impedia-o de dormir com as suas incessantes interrogações, deixava-o desvelado em plena noite com as suas dúvidas e as suas indignações. Antoine contou aos amigos que, havia muito tempo, ele não tinha sonhos nem pesadelos, porque as suas idéias preenchiam todo o espaço do seu sono. De tanto pensar, a consciência sempre tumescente, Antoine vivia mal. Ele agora queria ser um pouco inconsciente, bem ignorante das causas, das verdades, da realidade... Ele estava cansado da acuidade de observação que lhe dava uma imagem cínica das relações humanas. Queria viver, não saber a realidade da vida; queria justamente viver.

Ele relembrou aos amigos a sua tentativa de se tornar alcoólatra e o seu abortado projeto de suicidar-se. A estupidez era a sua derradeira chance de se salvar. Não sabia ainda como proceder, mas prometeu consagrar toda a sua vontade a tornar-se estúpido. Ele esperava botar um pouco de água fria na sua fervura, domar-se, desembaraçar-se desses

estranhos preconceitos que se chamam verdades. Antoine não desejava ser um perfeito imbecil, mas diluir a sua inteligência no amálgama da vida, deixar de tentar analisar tudo, de tentar descobrir tudo. O seu espírito sempre fora uma águia de olhos agudos, de garras e bico cortantes. Agora, queria ensiná-lo a ser um grou majestoso, a planar e a deixar-se levar pelos ventos, a usufruir o calor do sol e a beleza da paisagem.

Não se tratava de renunciar gratuitamente à razão: a finalidade era participar da vida em sociedade. Ele sempre tentava encontrar o motor de razões que anima cada ser e sabia como o livre-arbítrio tinha pouco lugar na escolha das opiniões. Uma parte da sua infelicidade vinha do fato de que ele vivia sob o reino da tragédia enunciada por Jean Renoir, ou seja, que "a infelicidade neste mundo é que todo o mundo tem razões". Como um sacerdócio, ele aplicava a fórmula de Spinoza:

"Não deplorar, não rir, não detestar, mas compreender"; ele buscava sempre não julgar, ainda que quisesse ferir e submeter. Antoine pertencia ao gênero de alma que poderia fabricar um aparelho dentário para tubarão e que seria capaz de tentar instalá-lo na boca da besta. Entretanto, se ele tentava compreender, não o fazia dessa maneira religiosa que consiste em tudo perdoar com condescendência. Exageradamente talvez, ele via, sob o verniz da liberdade e da escolha, a necessidade, a mecânica de uma máquina que se alimenta de almas humanas. Ao mesmo tempo, dado que tentava ser tão objetivo a respeito de si mesmo como a respeito dos outros, constatava que, tentando compreender tudo, aprendera a não viver, a não amar e que podia interpretar a sua extremista probidade intelectual como um medo de se envolver na vida e nela ocupar um lugar definido. Estava consciente disso, e isso contribuíra para a sua decisão.

— Mas — acrescentou ele — a verdade, como Jano, tem duas faces, e até o presente eu não vivi senão sobre a sua face sombria. Eu quero caminhar sobre a face luminosa. Esquecer de compreender, apaixonar-me pelo quotidiano, acreditar na política, vestir belas roupas, acompanhar os eventos esportivos, sonhar com o carro último tipo, ver os noticiários da televisão, ousar detestar certas coisas... Eu até agora ignorei tudo isso, interessando— me por tudo, não me apaixonando por nada. Não digo que seja bom ou mal, somente vou tentar, e comunicar-me, sim, comunicar-me com esse grande espírito que se chama "opinião pública". Quero estar com os outros, não compreendê-los, mas ser como eles, entre eles, compartilhar as mesmas coisas...

— Você quer dizer — pronunciou lentamente Ganja, mascando grãos medicinais —, você quer dizer que foi estúpido por tentar ser tão

inteligente, que você se enganou e que tornar-se um pouco estúpido é que será inteligente...

— Nós — disse Charlotte —, nós gostamos de você tal como você é, um pouco complicado, sim, mas... com algo de super... Se eu fosse heterossexual...

— E eu, Charlotte — respondeu Antoine —, se fosse dinamarquês, a pediria em casamento. Escutem. Certa anti-sociabilidade me parece a coisa mais normal do mundo, é realmente bom ter problemas com a sociedade. Não quero estar totalmente integrado, mas tampouco quero estar desintegrado.

— Você precisa experimentar o equilíbrio — disse Ganja.

— Sim — continuou Charlotte —, ou um desequilíbrio equilibrado.

O garçom lhes trouxe tigelas de uma sopa espessa e verdosa, e copos cheios de um líquido turvo à superfície do qual subiam pequenas bagas vermelhas. Os cinco amigos debruçaram-se com circunspeção sobre o seu alimento. O garçom fez sair um novelo de consoantes da garganta que deviam significar algo como "Bom apetite". Em forma de haicai, As perguntou a Antoine se não havia o risco de ele se perder completamente e de o verem um dia na televisão como animador. Antoine respondeu que era uma aventura, e que as grandes aventuras humanas não são isentas de perigos: Magalhães, Cook, Giordano Bruno são exemplos disso. Até o presente, ele vivera no olho do ciclone, que é um lugar calmo e solitário cercado da mais infernal tempestade. Queria deixar esse ninho maldito, atravessar a cortina de turbilhões destruidores para juntar-se ao mundo secular.

Preocupados e tristes por Antoine, os amigos o reconfortaram, fizeram-no prometer que não faria besteiras e conseguiram convencê-lo a ir pedir conselho ao seu médico e confidente, Edgar.

6.

O CONSULTÓRIO DO DOUTOR EDGAR VAPORSKI ficava no terceiro andar de um belo edifício do XX° distrito, na rua dos Pyrénées, bem próximo da praça Gambetta. Antoine consultava-se com ele desde que tinha dois anos e nunca tivera outro médico.

Era um pediatra, mas ninguém conhecia Antoine como ele. Como já fazia vinte e três anos que se freqüentavam, eles tinham certa intimidade: chamavam-se pelo prenome e, de quando em quando, saíam juntos, pois compartilhavam a mesma paixão pelo Brady, um velho cinema do boulevard de Strasbourg.

Para Antoine, a partir da idade de vinte anos, começara a ser muito incômodo ser o único adulto não acompanhado de uma criança a aguardar na sala de espera. Os pais o olhavam discretamente por cima das suas revistas, e as crianças lhe cravavam os olhos. Ele esforçava-se em vão por sentar perto de mulheres sozinhas, e a revelação de que ele não tinha filho acabava por emergir. Por isso, todas as vezes ele levava o neto da sua vizinha, ou qualquer outra criança disponível. Hoje, ele se fizera acompanhar da Coralie, filha do zelador do seu edifício, que não mostrava grande entusiasmo em lhe fornecer um álibi.

Edgar abriu a porta da sala de espera, com uma máscara de cirurgião no rosto. Mandou entrar Antoine e Coralie. A peça se parecia com qualquer outro consultório médico, com os seus diplomas pendurados nas paredes beges, a sua estante de grossos volumes magnificamente encadernados com o couro de uma vaca que devia ter pastado ouro. Como se a placa de cobre na entrada não fosse suficiente, o consultório difundia uma competência certificada; as cores e o mobiliário inspiravam seriedade. Quem quer que ali entrasse era engolfado por esta atmosfera de solenidade, sentia o reino da todo-poderosa medicina e não tinha saída senão submeter-se. Muito freqüentemente, ir ao médico obriga ao abandono de todo e qualquer poder sobre si mesmo: a pessoa já não se pertence verdadeiramente; ela faz doação do seu corpo e das suas disfunções à ciência das doenças. Uma tal similitude entre ornatos fúteis que revestem os consultórios médicos e os que compõem o mistério de uma câmara de vidente ou guru é impressionante. Um espírito crítico e sagaz poderia aproximar essas duas mise-en-scènes: no cheiro dos produtos médicos, como no cheiro dos incensos, encontra-se a mesma intenção, a mesma influência sobre o psicológico do cliente. Mas o consultório de Edgar conseguia escapar um pouco a isso, uma vez que desenhos de crianças estavam colados às paredes, e que pinturas informes, brinquedos e massa de modelar balizavam o chão e a mesa do médico. Um Power Ranger vermelho posto sobre um bloco de receitas mitigava o poder simbólico da natureza do médico.

A janela estava aberta, e um leve cheiro de gás lacrimogêneo flutuava no consultório. Isso explicava a máscara de Edgar. Este a tirou, verificando que o ar estava novamente respirável. Antoine lhe falou do cheiro, enquanto Coralie fazia caretas e tapava o nariz.

— Um menino de dez anos um pouco turbulento demais tentou roubar o meu bloco de receitas.

— Você soltou o gás lacrimogêneo por isso? — indignou-se Antoine.

— Ele tinha um nunchaku — respondeu Edgar levantando as mãos para o céu. — Um nunchaku, Antoine!

— Meu Deus, isso lhe acontece sempre?

— Não, felizmente. Bom-dia, Coralie — disse Edgar após ter-se instalado atrás da sua mesa. — A consulta é para você ou para Antoine?

— E para ele — respondeu Coralie com um tom de reprovação. — Na idade dele, eu ainda sou obrigada a acompanhá-lo na consulta ao médico!

— Eu lhe pago, Coralie — disse Antoine. — E muito bem.

— Dois pães com chocolate e a revista de cinema Première... Eu devia rever e elevar as minhas tarifas. A inflação deve ser aplicada também às relações humanas.

— Coralie, sua mãe a deixa ler as páginas financeiras dos jornais? E incrível.

— Você precisa acostumar-se, é a nova geração. Então, Antoine, que está acontecendo com você?

Após ter folheado um montão de livros, jornais e papéis diversos, Antoine tirou da bolsa uma fotocópia de um esquema que representava o cérebro humano em secção transversal e a pôs sobre a mesa. Ele pegou a caneta Mont Blanc de Edgar e apontou as zonas do cérebro.

— As funções cognitivas superiores são asseguradas pelo córtex do neo-cerebrum, estamos de acordo?

— Sim... Que é que você inventou agora? Ou vai inventar ? Você decidiu ser neurocirurgião?

— Os lobos frontais, aqui — continuou Antoine, fazendo um círculo nas áreas de que tratava —, asseguram a comunicação entre as estruturas do eu e as funções cognitivas...

— Muito bem, Antoine. Eu sou médico, você não me está dizendo nada de novo. A gente sabe tudo isso.

— Bem — disse Antoine, sempre debruçado sobre o seu esquema —, eu estava pensando que você poderia extrair uma parte do meu córtex, ou melhor, se você preferir, suprimir um lobo frontal, assim...

Perplexo, Edgar viu Antoine garatujar as partes do seu cérebro a serem retiradas. Franziu as sobrancelhas, observando o seu amigo e paciente. Coralie lia, no canapé ao findo do consultório, a sua revista de cinema.

— De que é que você está falando, por Deus? — disse Edgar levantando-se bruscamente da cadeira.

— Eu já não sirvo para você. Você perdeu o juízo, tornou-se completamente estúpido, ou o quê?

— Eu gostaria muito — respondeu Antoine muito seriamente —, essa é a finalidade de tudo isso. Eu...

— Você quer que eu pratique em você uma lobotomia? — interrompeu-o Edgar, aterrorizado.

— De fato, eu creio que uma semilobotomia seria suficiente: quero ainda ser capaz de riscar um fósforo e abrir a minha geladeira, evitemos um remake do filme Um estranho no ninho... Enfim, você é o médico, faça o que achar melhor.

— A melhor coisa a fazer seria interná-lo num manicômio. O que é que está acontecendo com você?

— Não, não, não é o que você está pensando... Perfeitamente são de espírito, em plena posse das minhas faculdades, é que lhe peço isto. Eu lhe farei um depósito. Refleti muito sobre o assunto. Tomei esta decisão na minha alma e consciência. Não era a minha primeira opção, e conto-lhe tudo: antes quis tornar-me alcoólatra e suicidar-me, mas a coisa não funcionou.

— Você quis suicidar-se?

— Uma catástrofe. Vamos pular esta parte.

Edgar deu a volta à mesa e sentou-se ao lado de Antoine. Pôs-lhe a mão no ombro, cheio de solicitude para com o seu paciente mais íntimo, o mais próximo, seu amigo.

— Está deprimido? Há algo que não vai bem? — perguntou ele, preocupado.

— Nada vai bem, Edgar. Mas não se preocupe, estou em busca de uma solução. A melhor me parece tornar-me estúpido...

— Quê?

— Você pode fazer-me um favor? Descreva-me. Se você tivesse de falar de mim a alguém, que diria?

— Sei lá... Que você é brilhante, inteligente, culto, curioso nos dois sentidos do termo, simpático, espirituoso, um pouco dispersivo e indeciso demais, inquieto...

A medida que o pediatra arrolava os qualificativos que caracterizavam o amigo, o rosto de Antoine se ensombrecia como se isso fosse a lista das graves enfermidades de que ele padecia.

— Isso é exageradamente lisonjeiro, enfim, assim deveria ser, mas a minha vida é um inferno. Conheço carradas de pessoas idiotas, inconscientes, cheias de certezas e de preconceitos, imbecis perfeitas, e que são felizes! Eu, de minha parte, vou ter uma úlcera, tenho já alguns cabelos brancos... Não quero mais viver assim, não posso viver assim. Após um estudo minucioso do meu caso, deduzi que a minha inadaptação social é resultado da minha inteligência sulfúrica. Ela jamais me deixa tranqüilo, eu não a domo, ela me transforma numa casa mal-assombrada, sombrio, perigoso, inquietante, possuído pelo meu espírito atormentado. Eu assusto a mim mesmo.

— Ainda que a sua inteligência seja a causa do seu problema, eu não posso fazer o que você me pede. Como médico, não posso fazê-lo, é contra toda e qualquer ética. Como amigo, não quero fazê-lo.

— Eu não posso mais pensar, Ed, você tem de me ajudar. O meu cérebro corre maratonas o dia todo, a noite toda, ele não pára de girar como numa roda de hamster.

— Sinto muito, mas não posso. Eu não o compreendo:você é fantástico, original, não tem noção da sua sorte. Você precisa aprender a viver sendo você mesmo. Em algum tempo, o tempo que você determinar para que você possa retomar a vantagem, nós encontraremos uma solução de emergência para melhorar a sua vida.

— Melhorar a minha vida seria me tornar estúpido.

— Isso é estúpido.

— Então, estou no bom caminho. Não pode tirar uma parte dos meus neurônios? Se há bancos de órgãos, bancos de sangue, bancos de esperma, também deve haver bancos de neurônios, não é verdade? Assim, os que têm demasiados neurônios podem ceder alguns deles a todos aqueles que deles carecem. Além disso, isso seria um gesto humanitário.

— Não, tais bancos não existem, Antoine. Sinto muito.

— Então, o que é que eu posso fazer, Ed? Em que vou tornar-me? Por que sou diferente? Eu quero a banalidade da vida, eu quero me acomodar. Quero ser simplesmente uma formiga entre as formigas.

Enquanto falava, Antoine garatujava sobre o esquema do cérebro em secção transversal; desenhou formigas em torno do desenho, e uma gorda formiga que supunha semelhante a ele.

— Lembra-se do livro que você me deu pelos meus dez anos?

— Monsieur Badaboum?

— Sim, Monsieur Badaboum. Em suas aventuras, ele coleciona infelicidades: quando sai, chove, ele bate sempre com a cabeça em todas as partes, esquece o bolo no forno, perde todas as possibilidades de negócios, perde sempre o seu ônibus... Por quê? Porque é Monsieur Badaboum! Edgar, eu tenho a sensação de que me estou transformando em Monsieur Badaboum... Monsieur Badaboum sou eu!

Correram lágrimas pelas faces de Antoine. Edgar estreitou-o entre os braços e deu-lhe tapinhas nas costas, o que teve por conseqüência mergulhá-lo num longo acesso de tosse. De uma gaveta, Edgar sacou um xarope; deu duas colheres dele a Antoine e depois lhe ofereceu um chocolate. Antoine trincou a barra abiscoitada com voracidade, os olhos já secos, reencontrando pouco a pouco a calma.

— Já pensou em consultar um psicanalista?

— Já consultei um psicanalista — disse em tom impotente Antoine, elevando as mãos.

— E?

— Segundo ele, tudo isto é perfeitamente normal: eu não tenho patologia psíquica, não tenho... Você sabe o que ele me disse? "Aproveite a vida, meu rapaz, tranqüilize-se. Pare de encher a cabeça com coisas assim." Que escola de psicanálise ele freqüentou para dizer isso? A Escola da Causa Donjuanesca?

— Bem. O que lhe posso propor — disse o médico — é ministrar-lhe Felizac. Em geral sou contra esse tipo de medicamentos, mas as suas tentativas de suicídio e de alcoolismo e o seu estado me levam a considerar esse tratamento. Mas isso não resolve nada, não se iluda.

— Eu quero justamente pensar menos, Ed.

— O Felizac tem ação tranqüilizante e antidepressiva. E precisamente do que você precisa. Mas não deixa de ter riscos, e por isso você deveria vir me ver todos os meses para que eu revise, ou não, o seu tratamento.

— Tem riscos? Como assim?

— Os pequenos efeitos secundários habituais dos medicamentos desse tipo: ressecamento das mucosas, possíveis vertigens, cansaço... E,

sobretudo, uma demasiado agradável dependência. Você obrigatoriamente terá de ler a bula e seguir à risca a posologia.

— Com isso — perguntou Antoine, cheio de esperança — eu vou pensar menos?

— Você será quase um zumbi, eu lhe asseguro. A vida lhe parecerá mais simples, mais bela. O que será falso, certamente, mas você não estará consciente disso. Mas é preciso que saiba que isso será temporário.

— Está bem — concordou Antoine, finalmente —, você tem razão, para mim não é bom algo definitivo. Eu me deixei levar um pouco. Vejo isso como uma bóia, você sabe, isso vai ajudar-me durante algum tempo, e depois poderei arranjar-me por mim mesmo.

Eles conversaram ainda alguns minutos, a respeito de suas respectivas famílias, os seus amigos. Antoine fazia perguntas a Edgar, perguntas que ele considerava da sua competência médica: por que as bebidas gasosas fazem arrotar, por que as unhas crescem, por que se espirra, por que se soluça, por que, quando se arranha um quadro-negro com um giz, ou um prato com um garfo, isso é desagradável. Com a prescrição e a receita escritas, Edgar e Antoine apertaram a mão calorosamente. Como de costume, Antoine quis pagar a consulta, e Edgar recusou. Coralie e Antoine deixaram o consultório.

7.

O SEU ESTÚDIO FICAVA NO OITAVO ANDAR de um velho edifício de Montreuil. No colégio e no liceu, Antoine sofrera a humilhação institucionalizada — juntamente com os colegas igualmente pouco talhados para a prática das atividades físicas — de ser sempre escolhido por último na formação das equipes de futebol e de vôlei. Ele tivera de suportar as censuras e as zombarias dos colegas para os quais as aulas de educação física nada tinham que ver com o aprendizado, mas tinham tudo a ver com a competição. Por isso Antoine não desenvolvera o gosto pelo esporte. O que não o impedia de rejeitar a experiência negativa e tentar fazer exercícios, razão por que ele decidiu alugar um conjugado num andar alto, para se obrigar a usar os hipotéticos músculos. Na prática, isso logo se revelou demasiado extenuante. O seu vizinho do sétimo andar era um campeão de catch, muito gentil, chamado Vlad. Como ele tinha de treinar todo o tempo, levantar halteres e fazer musculação, propôs a Antoine carregá-lo até o conjugado. Antoine

tentava chegar à mesma hora que ele ao início da escada, para que Vlad o carregasse nos ombros até o sétimo andar. Segundo Vlad, Antoine não pesava mais que uma toalha de banho, razão por que ele não tentava secar-se após sair do chuveiro... Vlad media um metro e oitenta e devia pesar bem uns cento e vinte quilos; era tão forte que uma vez esquecera Antoine nos ombros, entrara com ele em casa e começara a preparar o jantar.

Não era um conjugado muito chique e estava até bastante arruinado: o aquecimento, a tubulação, a eletricidade, nada funcionava perfeitamente. E, no entanto, estava muito acima das posses de Antoine. No início, ele podia pagar o aluguel graças ao auxílio-moradia para estudantes e ao seu trabalho de tradução de Em busca do tempo perdido para o aramaico. Mas, depois que o projeto fora abandonado, em seguida à impressionante falência do editor, as suas finanças caíram ao ponto mais baixo. Diante da agonia da sua carteira, ele imaginara um hospital financeiro onde se poderia fazer transfusão para contas bancárias anêmicas. Antoine falara a respeito com o seu banqueiro, mas este parecia considerar o banco como uma clínica privada.

Em busca de uma classificação da humanidade, Antoine estabelecera uma tabela universal que determinava o grau de riqueza a partir do padrão meias. Primeira categoria, os mais pobres, os que não têm meias; segunda categoria, os medianamente pobres, os que têm furos nas suas meias; terceira categoria, os mais ricos, os que têm meias sem furos.

Antoine pertencia à segunda categoria. Os seus rendimentos eram constituídos principalmente pelas suas férias de professor substituto em Paris V, o que lhe rendia, conforme o mês, entre mil e dois mil francos. A isso se somava o dinheiro do auxílio-desemprego, que ele recebia ilegalmente graças a uma confusão acerca do seu prenome: nos documentos da universidade, ele era Antoine Arakan, ao passo que, para a Associação para o Emprego na Indústria e no Comércio (A.S.S.E.D.I.C.), ele estava inscrito com o nome birmanês, que jamais usara no dia-a-dia, Sawlu. Além disso, ele fazia de quando em quando pequenos trabalhos no mercado informal. Assim, recentemente, ele dublara os gritos de uma família de girafas num documentário sobre a vida animal cujas trilhas sonoras se haviam perdido. Da Bretanha, seus pais mandavam-lhe um pouco de dinheiro e caixotes de alimentos. Era uma impressionante e deliciosa mistura de especialidades asiáticas e bretãs. Todos os meses lhe chegava uma pesada caixa de isopor, contendo nems de peixe e frutos do mar, rolinhos primavera com salicórnia, raviólis com mariscos, folheados de farinha de trigo sarraceno ao nuoc-mâm, flambados, recheados de

arroz sauté... O amigo Ganja também o ajudava, e o teria ajudado mais se Antoine não se recusasse a ser sustentado.

Antoine vivia todos os meses com uma soma inferior ao salário mínimo. Apesar disso, ele permanecia no seu conjugado. Como? Ele já não pagava aluguel. Por quê? Porque o proprietário, o sr. Brailaire, sofria do mal de Alzheimer.

Antoine não estava totalmente seguro de que se tratava verdadeiramente do mal de Alzheimer. Em todo o caso, o sr. Brailaire já não tinha mais noção de nada. No início de setembro, Antoine tinha de acompanhá-lo ao hospital para exames complementares. O sr. Brailaire não tinha família, e por isso Antoine cuidava dele. Foi por acaso que ele se deu conta da sua amnésia. Antoine não podia pagar-lhe todos os meses o dinheiro do aluguel, razão por que ele passava esgueirando-se, tentando ser o mais discreto possível. Um dia, todavia, o sr. Brailaire o apanhou. Antoine esperava que ele o mandasse partir de mala e cuja. Com os olhos vazios, ele fitou-o segurando-o pelo braço e murmurou:

— O senhor mora aqui?

— Sim, senhor. No oitavo andar. Eu tenho de desculpar-me, este mês estou com dificuldades... esqueci...

— O senhor esqueceu alguma coisa? — perguntou-lhe ele, com uma atenção ingênua e assombrada.

Normalmente, o sr. Brailaire exigia o pagamento do aluguel no primeiro dia do mês; às sete horas da manhã em ponto, o envelope devia estar posto debaixo da sua porta. Bastava que Antoine tivesse algumas horas de atraso para que o sr. Braliaire batesse à porta do seu conjugado e o ameaçasse com um oficial de justiça.

— Bem, não — respondeu Antoine, suando. — Esqueci-me de lhe dar bom-dia. Bom-dia...

— Bom-dia — murmurou ele. — O senhor mora neste edifício?

Então se apresentou um delicado caso de consciência. Antoine podia deixar correr a doença e, assim, continuar a morar no seu conjugado. Ou ele podia cuidar desse proprietário antes rabugento, nunca amável, sempre impiedoso. A sua bondade natural o moveu. Antoine pensou tristemente que ele deveria fortalecer o seu egoísmo e a sua amoralidade para sobreviver neste mundo.

Ele o levou ao médico. Este se absteve de dar um diagnóstico: seria necessário algum tempo e baterias de exames para determinar com segurança a doença do sr. Bailaire.

— E há chances de ficar bom?

— É difícil dizer — respondeu o médico. — A sua memória está em frangalhos. O senhor tem de cuidar dele. Ele tem a cabeça intacta, mas é incapaz de memorizar qualquer vestígio do passado recente.

Antoine ocupava-se dele como de um velho tio. Levava-o para o seu apartamento quando ele se perdia pelos corredores; escrevera-lhe uma carta com o seu endereço que ele guardara na carteira, para o caso de se perder na cidade. Fazia tudo por ele, recolhia o dinheiro dos outros inquilinos e depositava-o na conta bancária do velho. O sr. Brailaire tinha ainda períodos de lucidez, durante os quais se lembrava de certas coisas, em particular que Antoine já não lhe pagava o aluguel; mas isso não durava. Antoine lera um artigo no jornal Le Monde sobre o avanço das pesquisas médicas a respeito das doenças degenerativas do cérebro: Parkinson, Alzheimer... Estava ao mesmo tempo feliz pelo sr. Brailaire e angustiado pela idéia de que esse avanço científico talvez levasse ao seu despejo. Os cientistas não se dão conta de outras conseqüências além das conseqüências médicas das suas descobertas. Se alcançassem, enfim, a cura da doença do seu proprietário, Antoine não poderia contar com a sua gratidão: nos seus livros contábeis, o velho se aperceberia de todos os aluguéis não pagos, mas não teria nenhuma lembrança da ajuda que lhe prestara Antoine.

No dia seguinte à sua consulta com Edgar, numa quinta-feira, 25 de julho, Antoine começou a tomar o medicamento que lhe asseguraria proteção contra o seu próprio espírito, o Felizac. A posologia era uma pílula por dia. Antoine tomou a iniciativa de dobrá-la. Ele queria um efeito sensível e rápido, não um bálsamo de ação superficial. O efeito se faria sentir ao fim de alguns dias, justamente o tempo necessário a Antoine para preparar a sua nova vida com todo o engenho de que era capaz a sua vontade.

Primeira etapa. Ele apresentou uma carta de demissão à Universidade Paris V René-Descartes. Havia dois anos ele dava um curso semanal de uma hora e meia sobre a Apocoloquintose do divino Cláudio (ou seja, “da metamorfose em abóbora”), uma peça satírica de Sêneca. Além disso, ministrava de quando em quando aulas de substituição nas matérias em que tinha conhecimentos sólidos: biologia, lepidópteros, retórica aramaica, cinema. Os seus conhecimentos especializados acerca de muitos assuntos eram suficientes para que ele pudesse substituir com o pé nas costas um professor doente, mas eram demasiado extravagantes para lhe dar verdadeira mestria numa matéria universitária e alimentar a esperança de uma cátedra.

Segunda etapa. Ele se desembaraçou de tudo o que pudesse de algum modo estimular-lhe o espírito. Pôs os seus livros em caixas de

papelão, as centenas de romances, de obras teóricas, de dicionários e enciclopédias, os seus discos, quilos e quilos de cursos, de apostilas, de revistas científicas, históricas, literárias... Arrancou das paredes de seu conjugado os cartazes de cinema, os retratos dos seus heróis e as reproduções de pinturas de Rembrandt, Schiele, Edward Hopper e Miyazaki. As, Charlotte, Vlad e Ganja ajudaram-no a transportar as suas caixas de papelão para a casa de Rodolphe, que sentiu grande alegria em resgatar, temporariamente dissera Antoine, esses tesouros culturais.

Terceira etapa. Vazio o conjugado, perguntou— se Antoine como pudera guardar tanta coisa em espaço tão pequeno. Tratava-se agora de enchê-lo com coisas inócuas que lhe deixassem o espírito apaziguado. Após visitas de pesquisa à casa de alguns vizinhos que, ele assim imaginava, tinham excelentes defesas imunológicas contra a inteligência, pôde vislumbrar o que seria o cenário perfeito para a sua nova vida. Um casal de vizinhos composto de um professor, Alain, e de uma jornalista, Isabelle, parecia-lhe o caso edificante de uma vida inteira consagrada à renúncia à inteligência. Ele os observava havia algum tempo e, do fundo do coração, os admirava. Eles viviam tão completamente imersos em suas existências, possuíam tão plenamente todos os matizes de uma idiotice furta-cor, de uma estupidez pura, resplandecente de inocência feliz e bem-sucedida, uma tolice que era agradável para eles e para as pessoas que os cercavam: a menos perversa e perigosa do mundo. Alain e Isabelle, com a seriedade adequada, de um ridículo absolutamente encantador, aconselharam-no a encher o seu conjugado. Ele recuperou uma velha televisão, que colocou no centro do cômodo como o símbolo imperante da sua resolução. Pregou nas paredes cartazes do Rei Leão, de carros esporte e de garotas popozudas, fotos de atrizes e atores que tinham o ar de gênios universais, fotos de personalidades intelectuais imortais como Alain Minc e Alain Finkielkraut. De início, isso o chocou, ele se sentia mal no meio desse ambiente estéril. Consolou-se dizendo-se que graças à química do Felizac logo tudo aquilo lhe pareceria formidável. Alain e Isabelle aconselharam-lhe discos inofensivos para a sua quietude anestesiada, música contemporânea à base de golpes de martelos eletrônicos em pianos comprimidos e álbuns de folclore internacional.

Pareceu-lhe, enfim, que o conjugado tinha atingido a mais perfeita inocuidade para o cérebro em vias de flacidez. Antoine sabia, entretanto, que, ainda que o mundo exterior seguisse a mesma tendência, ele não poderia esperar erradicar completamente as tênues ameaças culturais e intelectuais da sociedade.

Antoine reuniu Charlotte, Ganja, As e Rodolphe no seu novo cenário para um lanche islandês. A mesa estava coberta de delícias

nórdicas: chá com manteiga, loukoums de pingüim, filhós de banha de foca com ervas-doces... Antoine reafirmou a sua decisão de ser estúpido, ao menos por um tempo, para tentar diluir a sua consciência demasiado concentrada. Considerando esse projeto como um mal menor, os seus amigos lhe hipotecaram o seu apoio relutante. Antoine os convidou a não provocar debates sobre temas importantes, mas a tagarelar sobre coisas prosaicas, sobre como está o tempo e todas essas coisas anódinas e fúteis que ele negligenciara até o presente.

— Suponho, então — disse-lhe Ganja —, que as nossas partidas de xadrez são coisa do passado.

— Por ora, sim. Mas proponho substituí-las por partidas de outro jogo, que os meus vizinhos me fizeram descobrir. Chama-se Banco Imobiliário. O objetivo deste jogo é simples: é preciso ganhar dinheiro, ser hábil, conduzir-se como bom capitalista imbecil. E fascinante. Uma das virtudes deste jogo é que ele deverá ensinar-me, pelo lado lúdico, a moral liberal, e até converter-me a ela. Vou aderir ao que hoje condeno, como se fosse uma simples brincadeira, sem me preocupar com as conseqüências e com os aluguéis demasiado elevados que põem tantas famílias no olho da rua. Eu me tornarei um sovina, egoísta, sem outra preocupação além do dinheiro, sem outro tormento e dúvida existencial além da maneira de ganhar o mais possível.

— Assim você se arrisca a se tornar um verdadeiro babaca — observou Charlotte.

— Ser um verdadeiro babaca é o remédio para a minha doença. Quero um tratamento radical: ser babaca será a quimioterapia da minha inteligência. E um risco que assumo sem hesitar. Mas, se em seis meses vocês virem que passei dos limites como rematado babaquara, intervenham. A minha finalidade não é tornar-me estúpido e cúpido, mas deixar fluir moléculas desses elementos no meu organismo, para purgar o meu espírito por demais aguçado. Mas não façam nada antes de seis meses.

Em um magnífico soneto, As disse a Antoine que ele corria o risco de perder a sua personalidade, de ser contaminado pelos venenos que deixaria penetrá-lo.

— É um risco. Mas ser estúpido dá muito mais prazer que viver sob o jugo da inteligência. Sendo estúpidos, somos mais felizes. A intenção não é incorporar o senso da idiotice, mas os elementos benéficos que aí flutuam como oligoelementos: a felicidade, certo distanciamento, capacidade de não padecer da minha empatia, uma leveza de vida, de espírito. A indiferença!

— Compreendo — interveio Rodolphe. — Chamo a isso a teoria do tubarão. Como o curare ou os Amanita phalloides, o tubarão é mortalmente perigoso e, no entanto, encontram-se nos seus tecidos compostos químicos que servem para fabricar medicamentos para tratar cânceres, salvar vidas. Tornando-se estúpido, você poderá, ao menos uma vez, dar prova de uma impressionante inteligência. Você me acha pérfido?

— E também o princípio da vacina — disse Charlotte. — Você talvez consiga tratar-se e imunizar-se.

— Se eu não morrer — disse Antoine, passando a mão na nuca e sorrindo, vagamente preocupado.

— Ou se você não se tornar irremediavelmente imbecil — completou Charlotte. — O que seria pior que a morte.

Na sua desesperada ingenuidade, Antoine via a estupidez como o universo infinito que ofereceria à sua vida um espaço livre de toda e qualquer resistência à atmosfera: ele flutuaria entre as estrelas e os planetas segundo a elipse da sua espécie.

8.

O GRANDE PROBLEMA PARA ANTOINE foi descobrir as minas maravilhosas que, no meio das rochas e dos minérios, abrigavam os diamantes da estupidez. Apontar alguns tolos, a idiotice geral e ambiental seria fácil, mas a maior parte do tempo isso não passa de camuflagem de um julgamento de valor. Dizer que o futebol, os jogos televisionados, os meios de comunicação são intrinsecamente estúpidos seria simples. Mas, para Antoine, estava claro que a estupidez estava mais na maneira de fazer as coisas ou de considerá-las do que nas coisas em si mesmas. Ao mesmo tempo, ter preconceitos era estúpido, razão por que Antoine achou que isso era um bom começo para a sua nova vida.

O Felizac começava a agir. Antoine estava mais tranqüilo, as dúvidas e angústias o haviam deixado. A alquimia que se processava no seu cérebro e no seu sistema nervoso transformava o chumbo da realidade numa luminosa poeira dourada e colorida.

Antes, ele estava impedido de viver por todas as questões, por todos os princípios que se emaranhavam no seu espírito. Ele costumava verificar, por exemplo, a proveniência de todas as roupas que ele comprava para não participar da exploração das crianças nas fábricas

asiáticas de Nike e outras multinacionais. Como a publicidade era um atentado à liberdade, um golpe de Estado contra o consumidor, contra o seu imaginário e contra o seu inconsciente, ele mantinha um caderno com o nome de todas as marcas e de todos os produtos que participavam nesta guerra psicológica, e os riscava da sua lista. Ele tinha, igualmente, o registro de todas as empresas que investiam nas atividades moralmente condenáveis, nos países menos democráticos, ou que desempregavam quando os seus lucros diminuíam. Ele já não comprava alimentos químicos, nenhum alimento que contivesse conservantes, corantes, antioxidantes, e, quando os seus recursos financeiros lho permitiam, preferia comprar produtos provenientes da agricultura biológica. Não se tratava tanto de ser ecologista, pacifista, internacionalista; fazia simplesmente o que a sua consciência considerava justo; o seu comportamento na vida era fruto de idéias morais, mais que de convicções políticas. Nisso, tinha Antoine certos traços de mártir da sociedade de consumo. Ele, aliás, via muito bem como a sua atitude intransigente se aproximava da mortificação cristã. Isso o deixava embaraçado, pois era ateu, mas não conseguia comportar-se senão como essa espécie de Cristo laico e apóstata. Tentando nada ocultar de si mesmo, Antoine se dissera que talvez esse rigorismo doloroso, e até flagelante, era a sua maneira de expressar a sua culpa de macho-ocidental-explorador-do-terceiro-mundo. Como todo clérigo abstinente, ele tinha princípios um pouco rígidos: recusava-se a cair na armadilha das novas tecnologias que obrigam os consumidores a se reabastecer periodicamente com material de último tipo. Assim, ele rejeitava os CDs e satisfazia-se com a excelente técnica das 33 rotações em seu velho toca-discos.

Ter uma atitude de consumidor responsável e humanista, infelizmente, era um custo. Antoine pagava tudo mais caro. O resultado da sua moral e do seu agudo senso de responsabilidade era que ele tinha poucas roupas e freqüentemente passava fome. Mas jamais se lamentava.

Sob o sol químico do Felizac, Antoine descobriu o mundo. Viu-o como nunca o havia visto. Antes, as paisagens, o ar, as ruas, as pessoas, toda a realidade parecia afetada pela violência das guerras, pelo desemprego, pelas doenças, pela infelicidade quotidiana da maior parte dos seres humanos. Ele não podia admirar o sol sem pensar neles, na África, para os quais esta majestade chamejante era sinônimo de colheitas queimadas, de fome. Não podia apreciar a chuva, pois sabia das mortes e destruições que acarretavam as monções na Ásia. O fluxo abundante dos automóveis desenhava no seu espírito sensível as imagens de milhares de mortos e queimados nas estradas. As manchetes dos jornais com as suas

ladainhas de catástrofes, assassinatos e injustiças — era isso o que dava a cor do seu céu, a temperatura do seu dia, a qualidade do ar que respirava.

Desde que começara a tomar as suas pequenas pílulas vermelhas, nascera uma salvadora separação absoluta entre o mundo e as suas conseqüências profundas.

Não é que ele escarnecesse da sorte das espécies em perigo de extinção, que já não lhe tocasse a miséria do mundo, os atentados, as guerras, as desigualdades sociais, de que ele próprio era vítima — é que ele se tornara realista. Ele considerava desoladoras a pobreza, as violências de todo e qualquer gênero, realmente terríveis, mas... ah! que podia ele fazer? Ele não tinha meios para mudar nada, individualmente. Uma sincera simpatia havia substituído a sua sofrida empatia.

Antoine passeava, apreciava a simples alegria de caminhar e de ver, provava o vibrante prazer que há em constatar que o nosso coração bate e que respiramos. Ele inspirava o ar da manhã no parque de Montreuil, cingindo com seus grandes olhos a realidade do mundo, admirava os passarinhos sem que lhe viesse ao espírito a vertiginosa queda da sua longevidade por causa da poluição. Desfrutava do espetáculo das moças em traje de verão sem se perguntar se elas tinham livros na bolsa, aceitava o mundo no primeiro grau, como se lhe oferecia, sem buscar mais além, gozando os seus prazeres gratuitos.

Para ter o comportamento de um indivíduo normal na sociedade, Antoine convidou os vizinhos para jantar, para ver jogos de um esporte qualquer durante os quais ele se entusiasmou por homens de negócios de shorts. Ele, que duvidava demasiadamente, tentou fazer julgamentos parciais e desprezar as preferências dos outros. Ele se estava instalando tranqüilamente na normalidade quando decidiu passar pelo teste supremo que provaria o sucesso da sua integração: o McDonald's. Nunca antes lhe teria ocorrido a idéia de entrar nesse antro do capitalismo imperialista, distribuidor de gorduras, de açúcares, símbolo da uniformização das modas da vida. Mas ele mudara muito.

Escolheu o McDonald's de Montreuil, a poucos minutos da sua casa. Durante a precedente era da sua existência — uma eternidade de quatro meses atrás —, Antoine dissera a si mesmo que, como não se opunha a toda e qualquer violência, adoraria pôr uma bomba naquele estabelecimento. Mas objetara a si mesmo que ali trabalhavam estudantes e empregados explorados, e que seria injusto feri-los e deixá-los sem trabalho.

A construção era larga e alta, colorida, cartazes convidavam a levar a vida com leveza e por uma módica quantia. Um grosso M amarelo coroava a fachada do fast-food. Um simpático palhaço de plástico o

recebeu diante da porta de entrada, a mão levantada, o sorriso espontâneo. Antoine entrou e cumprimentou com a cabeça os dois vigilantes, sem dúvida presentes para proteger os clientes dos ataques de poderosas gangues de ladrões de batatas fritas. Aproximou-se do balcão:

— Bom-dia! — disse à moça à sua frente.

— O senhor deseja o quê?

Antoine ficou encantado com esta economia relacional: já não era necessário pronunciar uma fórmula de cortesia mecânica. Ele, portanto, se absteria dela. Era mais franco, era, afinal, mais honesto. Ele olhou os cardápios.

— Um Best of McDeluxe — decifrou ele no cartaz luminoso, estimulado pela promessa de comer por trinta e dois francos um alimento que continha a palavra luxe na sua denominação.

— Bebida?

— Sim, certamente. Perfeito.

— Que bebida o senhor quer? — perguntou a moça, excedendo-se um pouco.

— Coca-Cola, sim, experimentemos Coca-Cola.

Para obedecer aos usos e costumes desta nova realidade, ele teve o reflexo de se abster de todo e qualquer agradecimento. Instalou-se a uma mesa bege e começou a comer as batatas fritas enquanto bebia o seu um terço de litro de líquido marrom e borbulhante. Com olhar curioso, observou uma batata frita, mergulhou-a numa mistura de ketchup, mostarda e maionese, e mordeu-a. Poucos dias antes, Antoine não se teria podido impedir de pensar, ao simplesmente comer uma batata frita, na história sangrenta da batata, nos sacrifícios humanos que a civilização asteca fizera em seu nome. Que esse simples tubérculo carregasse tantas mortes na sua consciência o teria sem dúvida impedido de apreciá-lo completamente. Inábil, cravou os dentes no sanduíche; uma parte dos molhos viscosos caiu no prato. Ele teve de reconhecer que gostava disso. Não estava seguro de que era bom para a saúde, as embalagens não deviam ser biodegradáveis, mas era simples, pouco caro, muito calórico e de sabor tranqüilizante. O gosto lhe dava a impressão de encontrar uma família sem fronteiras, de reunir-se aos milhões de pessoas mastigando no mesmo instante um sanduíche idêntico. Como em uma coreografia internacional, ele executava os mesmos passos e gestos de pagar, de transportar o prato, de beber a Coca e de ingerir as batatas fritas e o sanduíche que outros bailarinos-consumidores em templos exatamente

semelhantes. Ele sentiu certo prazer, uma confiança, uma força nova em ser como os outros, com os outros.

Antoine nunca se preocupara com a sua aparência. Ele tinha roupas resistentes que no entanto já deveriam estar aposentadas, mas não tinha condições nem gosto para comprar outras novas; a sua loja fetiche era o brechó Guerrisold do boulevard de Rochechouart. Quanto ao seu "penteado", consistia numa simples tesourada dada por Ganja a cada dois meses.

Ele pediu a um cabeleireiro que lhe fizesse um corte. Numa loja de roupas, imitou as escolhas de um rapaz que se comportava como se tivesse um gosto seguro, sem se preocupar em saber se as roupas que ele escolhia eram feitas por crianças. Comprou um par de tênis Nike, um jeans Levi's e um sweat-shirt Adidas. Isso seria o seu traje de relax. Em seguida, fez uma visita às Galerias Lafayette, delito inimaginável pouco tempo antes. Entrou nesse galinheiro burguês, perfumado do almíscar da superioridade social. Seguindo os conselhos de um vendedor que alongava cada uma das suas palavras, comprou uma calça de linho, uma camisa e um blazer, em estilo elegante "mas muito, muito cooool, eu lhe asseguro...".

Para terminar o dia, concedeu-se uma partida de videogame numa casa especializada. Oh, ele não escolheu um desses jogos intelectuais em que se trata de alcançar objetivos, solucionar enigmas, não, escolheu um jogo de matar monstros vindos do espaço intersideral. Isso o fez liberar a sua agressividade, eliminou a tensão de um dia que esperava típico. Até sentiu prazer em exterminar esses alienígenas; envolvido no combate, era como se o futuro da humanidade dependesse verdadeiramente da agilidade do seu punho e da precisão dos seus dedos. Ele era enfim um herói.

Charlotte telefonou. Ela fizera novamente inseminação artificial e queria que ele a acompanhasse a um parque de diversões. Eles falaram de tudo como se aquilo não fosse nada, do verão que havia começado tão tarde este ano, desse governo tão ineficaz, da vida tão bela. A certa altura, ela tentou falar-lhe da sua entrada para a equipe que se formara para traduzir toda a obra de Christopher Marlowe. Ao fim de duas voltas num brinquedo cujo trajeto descrevia um grande oito em meio dessa felicidade ensolarada, Antoine vomitou a alma. As duas pílulas vermelhas, ainda não digeridas, caíram no meio de um charco de batatas fritas e ketchup. Ele bochechou e tomou outras duas pílulas. Eles se separaram, por assim dizer, vagamente.

Em um quiosque, observando as capas de revistas para moças, os magazines de informações leves para homens, as publicidades de

perfumes e produtos de beleza masculinos, os atores sexsymbols, Antoine se deu conta de que ele não correspondia à imagem do homem ideal. Um número de Elie trazia uma pesquisa sobre as características que, no homem, atraíam e faziam sonhar a mulher, e um pouco decepcionado constatou que não tinha nenhuma delas. Algum tempo atrás, ele teria zombado disso, assinalando que isso não passava de fantasmas da masculinidade, e que as suas qualidades eram mais profundas. Mas, no reino das pílulas vermelhas, ele sentia-se diminuído por não despertar um desejo imediato. Para estar em conformidade com os sonhos gravados em papel couché, ele inscreveu-se numa grande academia de musculação, luminosa e moderna, com plantas exóticas penduradas no teto. Esperava, assim, ganhar a forma dos desejos da época e ter acesso à existência sexual.

Uma hora por dia, levantou pesos com as pernas, com os braços, com os ombros e fez uma série de movimentos repetitivos. Extenuado, Antoine esquecia-se de si mesmo em meio ao esforço; a dor, o suor, a música dos ruídos de metais raspando-se entre si e das pancadas dos pesos sobre os aparelhos transformavam-no num mecanismo, numa engrenagem desta academia de máquinas humanas engastadas nas máquinas de ferro.

A seriedade dos demais clientes da academia convencia Antoine da importância da sua atividade. A música monótona e hipnótica dava a cadência das remadas aos galés do músculo. Ninguém se via francamente, pairava uma espécie de vergonha, a vergonha de não ter naturalmente um corpo esplêndido e de ser obrigado a fabricá-lo com esta cirurgia de suor.

O corpo de Antoine adquiria a matéria polida e firme dos objetos industriais; linhas claras tomaram o lugar das linhas esfumadas do seu antigo corpo. Apareceram desenhos no seu ventre, relevos. Ele tornava-se mais forte e, ainda que não soubesse como utilizar esta nova força, estava feliz de ver surgir o aço da sua carne flácida. Admirava os seus nascentes músculos como estigmas da sua normalidade, símbolos visíveis da sua conformidade a um ideal de beleza legitimado. Ele estava forte, era um qualquer; e dava-se conta também de como, sendo franzino e fraco, não tinha sido quase ninguém. Como um Lego, o seu corpo se encaixava perfeitamente no reconhecimento do mundo. Ele teria doravante a mesma agilidade que os tubarões na água, nada mais o estorvaria; a sua transformação física seguia-se à sua transformação psíquica. O seu espírito e o seu corpo já não eram dolorosos, como se pertencesse enfim, a esta assombrosa espécie de peixes que não têm medo de se afogar. Ele sequer percebeu que a sua pequena e preciosa timidez tinha voado como uma borboleta.

Antoine já não era singular, ele se reconhecia nos outros como em espelhos vivos; o que lhe poupava muitos esforços.

9.

IMPASSIVELMENTE FELIZ, Antoine tinha a impressão de que o seu corpo estava repleto de pequenas e macias penas de patinhos, circulando-lhe nas veias, enchendo-lhe os órgãos; o seu coração e o seu cérebro transbordavam de marshmallows multicores. Na terça-feira 10 de agosto, ele recebeu uma carta do seu banco informando-lhe que a sua conta estava negativa. Ele experimentou então a sua primeira angústia desde o início do tratamento. Por demais despreocupado, ele esquecera de encontrar uma fonte de renda, comprando com uma luxúria nova coisas que lhe teriam parecido supérfluas algumas semanas antes. Ele precisava ganhar dinheiro: a vida é um animal que se alimenta de cheques e cartões de crédito.

Com o seu mestrado em aramaico, o seu bacharelado em biologia e o seu mestrado no cinema de Sam Peckinpah e Frank Capra, bem como a sua coleção de pedaços de diplomas, ele não podia esperar encontrar um emprego qualificado que correspondesse à sua formação. O choque desse retorno à realidade tinha neutralizado os efeitos do Felizac e foi pois dolorosamente consciente que Antoine se apresentou à Agência Nacional de Empregos do seu bairro. Após uma espera de três horas, de pé juntamente com outros desempregados numa sala climatizada com feromônios de estresse, um homem em um dos guichês gritou o seu nome ensurdecendo-o sem nenhuma hesitação. Antoine sentou-se diante do homem de terno que teclava um computador. Passaram-se cinco minutos até que o homem se desse conta da sua presença. Enfim, ele lhe fez algumas perguntas, sem tirar os olhos do monitor. Antoine declarou os seus exóticos diplomas.

— Pode desistir — disse-lhe o homem. — O senhor é louco, é isso? Por que decidiu estudar essas... essas coisas...

— Isso me interessava. Ah, e eu quase terminei um bacharelado em...

— É um suicídio profissional, o senhor estudou para ser desempregado!

— Está bem — disse Antoine levantando-se —, até logo e obrigado pela sua ajuda e incentivo.

— Espere, não desista assim tão facilmente. O senhor tem carteira de motorista?

— Não.

— Não tem carteira de motorista... É incrível.

— De fato, após um estudo — explicou Antoine ironicamente —, descobri que as reservas de petróleo do planeta deverão estar esgotadas daqui a quarenta anos. Não valeria gastar o tanto de dinheiro que teria que gastar para tirar a carteira.

— O senhor não precisa bancar o difícil. O senhor está na fila de espera. Espere, espere.

O homem, que olhava tão-somente para o monitor do seu computador, propôs estágios a Antoine, formações para trabalhos que não lhe interessavam e que pagavam um salário de fome. Antoine percebeu que estava em posição de mendicante: ele não tinha escolha, tinha de aceitar tudo o que lhe pusessem no chapéu, moedinhas, bilhetes de metrô, ticket-restaurante, botões de calças, chicletes já mastigados... O homem se desdobrava para encontrar-lhe qualquer coisa, ou seja, não importando o que fosse; ele o rebaixava com uma benevolência profissional. Antoine levantou-se e saiu sem que o homem se desse conta.

Antoine lembrou-se de um ex-colega de ginásio que fizera fortuna, Raphaël. Buscando na caixa onde ele jogara desordenadamente os seus papéis, encontrou o seu sobrenome e o número do seu telefone. Certamente, Raphaël já não morava com os pais. Estes, adoráveis ou demasiado levianos, não o saberia dizer, lhe deram o número do telefone do filho.

Antoine esperava que Raphi — era este o seu apelido ridículo — se lembrasse dele e do papel que ele desempenhara na escolha da sua carreira quando de uma discussão no fim do último ano. Seguramente, Raphi se dava bem com todo o mundo; tinha a comunicação franca e direta daquele que não tem dúvidas a respeito do que gosta. A sua consciência aerodinâmica não tinha a sorte dolorosa de se enganchar nas asperezas da realidade e ferir-se: ela deslizava pelo mundo. Raphi apreciava Antoine, achava-o engraçado, sobretudo porque não se sentia atingido pela crítica acerba das suas palavras; e tinha uma curiosidade especial acerca dessa figura que não o admirava. Antoine, para Raphi, era exótico, ele não o compreendia. Quanto a Antoine, comer diante de Raphi lhe dava a oportunidade de não ter de escutar sua conversa para avaliar se era ou não interessante. Raphi tinha esse egocentrismo dos que falam

de si mesmos em primeira pessoa: falava de si, dos outros com relação a ele, do que diziam dele etc.

Raphi estava despedaçando um pedaço de pão, dilacerava-o, torcia-o, sinal de inabitual nervosismo nele. Aproximou a cabeça do ouvido de Antoine e murmurou-lhe, como se fossem dois espiões americanos na cantina da KGB:

— Estou com um problema. Você pode ajudar-me?

— Eu vou mesmo lançar uma grande operação humanitária — respondeu laconicamente Antoine, pouco convencido de que esses setenta quilos de perfeição estivessem realmente com algum problema importante.

— E muito existencial, e eu sei que você é bom nisso.

— Certamente, sou faixa preta em ontologia.

— Pois bem, posso escolher os meus estudos, sou aceito nos melhores cursos preparatórios... Eu poderia seguir o caminho do sucesso: Ciências Políticas, Negócios, Informática, Administração, talvez, depois entrar num grande grupo num cargo importante, e acabar por dirigi-lo, ou então poderia fazer carreira em alto cargo público...

— Você poderia tornar-se presidente — disse Antoine, sarcástico.

— Sim, sem dúvida alguma. Eu poderia ter esse tipo de futuro brilhante, mas desejo outra coisa. Desejo assumir riscos e fazer o que me apaixona. Não quero, no fim da vida, dizer a mim mesmo que consegui tudo o que busquei, que sou rico e querido e tudo isso, mas que não realizei a minha paixão. Não falei sobre isso com meus pais, porque não quero preocupá-los, mas quero jogar tudo para o alto e seguir o que me diz o coração. Tenho necessidade de aventura, de sair dos lugares—comuns, sinto que tenho alguma coisa de original em mim. Tenho um sonho secreto, Antoine, uma paixão absolutamente incrível...

— Isso é muito bom, Raphaël — disse Antoine, assombrado de que seu ex-colega de ginásio se tivesse deixado arrastar por uma paixão aparentemente tão pouco razoável. — Isso é muito bom, e tenho de confessar-lhe que você me surpreende, eu o julgava mais pé-no-chão, mais arrivista.

— E o meu lado poeta, Antoine, sinto que tenho alma de artista. Você acha que devo ir findo e entregar-me completamente à minha paixão?

— Sim, é claro, vá em frente. Solte as amarras. Você vai precisar de coragem e paciência, ter garra para realizar o seu sonho, mas sim, corra atrás da sua paixão.

Raphi estava nas nuvens. Emocionado, pegou nas mãos de Antoine, com os olhos brilhantes de reconhecimento. Para agradecer-lhe, serviu-lhe um copo d'água.

— Acontece apenas, Raphaël, que você não me disse o que é, qual é o seu sonho louco...

— Vou abrir a minha própria corretora!

— Como?

— Ações, títulos, aplicações... Vou fazê-lo, Antoine, graças a você vou encher o cu de dinheiro!

Ao fim e ao cabo, os pais de Raphaël não receberam a coisa tão mal, e até lhe ofereceram um milhão para ajudar a sua empresa a deslanchar. Desde então, Antoine passou a carregar na consciência o peso desse crime imbecil: fabricara um novo capitalista. Ele dera de ombros quando Raphi lhe dissera que estaria sempre aí para ajudá-lo em caso de necessidade, mas agora a sua conta bancária estava em petição de miséria e não via barreira moral para fazer o que fosse a fim de ganhar dinheiro. Quando alguém constata que é um dos poucos que observam princípios morais nas relações humanas, pode ser tentado a cair na imoralidade, não por convicção nem por prazer, mas simplesmente para deixar de sofrer, pois não há maior dor que ser um anjo no inferno, um anjo cercado de diabos por todos os lados. Antoine iria assumir esse comportamento que consiste em integrar-se oferecendo em sacrifício os seus ideais; a danação permite tudo, perdoa tudo.

Ele não conseguiu falar com Raphi diretamente: uma secretária o impediu e pediu-lhe que deixasse o número do seu telefone. Uma hora depois, tocou o aparelho da cabine telefônica perto da padaria. Era Raphi, excitado e feliz por falar com aquele que o tinha encorajado a tomar o seu destino nas mãos.

— Antoine! Se você soubesse como estou contente de poder falar com você... Você e eu, como nos bons tempos, hem? Você se formou em quê? Que rumo tomou na vida? Você precisa vir sem falta à minha casa com a sua mulher, para falar do seu trabalho, isso seria fantástico!

— Eu sou solteiro e estou desempregado.

Houve um instante de silêncio do outro lado da linha. Raphaël jamais imaginara que o seu sucesso pessoal pudesse deixar de reverberar a felicidade em cada ser humano sobre a face da Terra.

— Isso não é problema, você é o meu guru, Antoine, eu vou arranjar tudo isso para você. E o mínimo que posso fazer pelo muito que lhe devo. Precisamos ver-nos.

Eles marcaram um encontro no imóvel de Saint-Germain-des-Prés que abrigava a empresa de Raphi. Este recebeu Antoine no seu grande escritório decorado com cartazes de filmes. O assunto concluiu-se rapidamente: Raphi queria que Antoine trabalhasse com ele.

— Mas eu não conheço nada da Bolsa...

— Justamente, você é novo no meio, não correrá o risco de ser influenciado por idiotices. Tenho confiança em você.

— E o que é que terei de fazer?

— E fácil: basta vender e comprar ações no mundo inteiro. Saber o momento propício. Perceber as ações que vão subir ou baixar, estar à espreita, dar vazão ao seu instinto. E quanto a isso nada me preocupa: tudo isto, o meu sucesso, se deve a você.

Cheio de orgulho, Raphi foi mostrar a Antoine as luxuosas dependências da empresa, apresentou-o aos seus colegas e à máquina de café. O ambiente era industrioso e elétrico, mas relaxado; as relações de trabalho eram flexíveis, como numa comunidade igualitária. O presidente Clinton fazia-se chamar, pela dócil imprensa, Bill, em vez do prenome completo, William; era mais simpático, emprestava-lhe uma imagem de amigo, de alguém muito próximo, a quem se perdoa facilmente; sobretudo, isso permite atenuar a imagem negativa vinculada à sua função. Seguindo a mesma estratégia afetiva, para todos na empresa, Raphaël era Raphi. De contato fácil, aberto e amável, com isso exercia afáveis pressões sobre os seus colaboradores, para, amigavelmente, exigir maior produtividade e horas extras de trabalho.

Ofereceram a Antoine um compartimento na imensa sala que abrigava os setenta agentes de câmbio da empresa. Ele estava equipado com dois microcomputadores, com uma pequena escrivaninha de ferro cinza com uma série de gavetas, e de uma xícara de café. Nas paredes da sala desfilava a evolução dos diferentes mercados das maiores Bolsas mundiais. Durante uma semana, Antoine observou a atividade dos colegas; deram-se-lhe conselhos; ele comprou livros para aprender os termos e os mecanismos financeiros: OPA, Nasdaq, OPE, FED, COB, Stoxx, FTSE 100, DAX 30... Demasiadamente mais simples que o aramaico, esta nova língua rapidamente deixou de ter segredos para ele.

A sua vida mudou outra vez. Um salário fixo, que lhe teria sido largamente suficiente para viver, era acrescido de uma comissão sobre os seus resultados. Ele largou o minúsculo conjugado gratuito e foi viver num loft na Bastilie, rua Roquette. Como o sr. Braliaire nunca houvesse recuperado a saúde, Antoine pediu a Vlad, o seu vizinho lutador de catch-as-catch-can, que cuidasse dele.

Ele já não via Rodolphe. Este queria tratar de assuntos intelectuais e polêmicos pelos quais Antoine perdera todo o interesse; sem o cimento da discussão e da oposição, a sua relação se desmilingüiu. Antoine sempre acompanhava Charlotte em sua volta em roda-gigante, mas eles já não se falavam. Habitualmente calmo, Ganja se irritou e declarou que eles não se tornariam a ver até que Antoine tivesse abandonado o seu estúpido projeto de ser estúpido. As lhe dedicou uma quadra na qual assinalava que eles já não respiravam o mesmo ar, e que, sem terem mudado de país, se tinham tornado estrangeiros um para o outro. Eles se deixaram uma noite após uma soirée silenciosa no seu antigo quartel-general, o Gudmundsdottir. Antoine viu os seus amigos afastarem-se na noite, iluminados pela luz do corpo de As. Isso não o tinha deixado muito triste: nada tinham mais a se dizer. Antoine estava ocupado com o seu novo trabalho, com a sua ambição de se tornar ambicioso e de desejar roupas de grife. Tinha novos amigos que tinham opinião sobre tudo, com os quais ia de noite a concertos. Vivia assim a vida normal de todas as pessoas jovens que têm meios para viver. Antoine ganhou amigos de consumo, acondicionados, amigos em série que não hesitariam em vir em sua ajuda em caso de algum problema.

De fora, ter-se-ia podido considerá-lo totalmente integrado nesta casta de príncipes, desempenhando despreocupadamente o papel do seu terno Hugo Boss. Entretanto, olhando mais atentamente, poder-se-ia perceber que ele mantinha certa reserva. Em todo o caso, ele nunca questionava a moral das suas relações, nunca dava opinião alguma que pudesse parecer original. Antoine deixava-se levar por esse novo mundo e disso tirava um prazer seguro: o prazer da liberdade agrilhoada, do deixar-se levar pela corrente que segue como um rio.

O dinheiro, o sucesso, a integração num meio de reconhecidas bases sólidas, todos esses fatores participavam na sua economia particular Ele já não tinha necessidade de pensar nos seus desejos, na sua moral, nos seus atos, nos seus amigos, na sua vida, já não tinha necessidade de compreender, de buscar: o seu meio lhe fornecia tudo isso com pronta entrega. Antoine recebeu tudo isso como um enxoval do seu casamento com a empresa. Era uma questão de poupar energia: isso era nitidamente menos fatigante, menos sofrido que tentar encontrar tudo por si mesmo, que tentar inventar. Não, isto não valeria a pena, melhor

era lidar com emoções fornecidas, pré-fabricadas, os pensamentos pré-montados

De maneira impressionante, os seres humanos se parecem com o seu carro. Uns têm uma vida sem opções que avança com toda a prudência, não vai muito depressa, freia e tem freqüentemente necessidade de reparos; é uma vida de qualidade inferior, pouco sólida, que não protege os seus ocupantes em caso de acidente. Outras vidas têm todas as opções Possíveis: o dinheiro, o amor, a beleza, a saúde, a amizade, o sucesso, o airbag, assentos de couro, direção hidráulica, motor possante e ar-condicionado.

Em meados de agosto, a inserção de Antoine na sua nova profissão já se tinha completado, era um agente de câmbio como os outros, o seu trabalho era correto. Ele acompanhava os mercados, agia de acordo com um misto de instinto e lógica, mas não tinha conseguido dar a grande tacada que o teria feito entrar no cenáculo dos milionários da empresa. Como era de se esperar, ele se esqueceu de pensar nas conseqüências da especulação e dos seus jogos de cifras sobre um mundo real que já não existia verdadeiramente na esfera da sua consciência amortecida.

Não obstante, um traço diferenciava Antoine dos seus colegas: ele não suportava café.Tentara, no seu início na empresa, beber uma xícara. Resultado: não conseguira pregar os olhos durante duas noites. Desde então, só tomava ao longo da jornada de trabalho café descafeinado. A xícara de café é uma questão de standing, um bom agente de câmbio tem sempre uma xícara de café na mão ou sobre a escrivaninha. Exatamente como um policial tem a sua arma, um escritor a sua caneta, um jogador de tênis a sua raquete, o agente de câmbio trabalha com o seu café; é a sua ferramenta de trabalho, a sua picareta, a sua Smith & Wesson.

Um dia, de súbito, sem nenhuma premeditação,Antoine se tornou rico. Ele teclava como de costume nos seus dois computadores, no pequeno compartimento, no meio da agitação de um dia normal de trabalho: altas, baixas, gritos, telefones tocando continuamente, suicídios, tintins, urros, o chiado regular das duas cafeteiras alinhadas junto à parede... Ele teclava tranqüilamente, um telefone seguro entre o ouvido e o ombro, vendia ienes, lançava a sua linha e o seu anzol no acaso dos mercados, quando, querendo tomar o seu café para umedecer a mucosa labial ressecada, ele o derramou no teclado do seu computador principal. Saíram algumas faíscas, um pouco de fumaça, chiados, o monitor se embaralhou, piscou, mas tudo voltou ao normal num instante. Excetuado que as suas contas indicavam que havia realizado uma polpuda operação cujo montante orçava a muitas centenas de milhões. O curto-circuito

havia provocado uma reação em cadeia que redundara em operações financeiras geniais.

— Eu sabia que era uma boa idéia empregá-lo — disse-lhe Raphi. — Como você fez para prever esse lance?

— Intuição — respondeu Antoine, baixando os olhos.

— Sim, isso não se aprende. Assim mesmo, você deve ter-se ocupado do negócio, você se informou dos acontecimentos, não se afobou e esperou o momento certo. Isso, meus caros, é o que se chama sangue-frio!

Toda a sala aplaudiu Antoine, colegas lhe deram tapões nas costas, jogaram-se confetes e serpentinas, abriram-se garrafas de champanhe e Raphi passou-lhe o cheque da sua comissão. Antoine olhou o valor do cheque e, pego de surpresa, ficou emocionado. Ficou tão emocionado como se seus filhos tivessem acabado de nascer. E era fato, porque ele tinha agora sêxtuplos: em seguida a um número qualquer, seis zeros estavam escritos no cheque.

Neste instante, Antoine não se recordou de que um dia soubera que é sempre a si mesma que a pessoa corrompe mais facilmente. Uma pílula vermelha poupou-o de pensar que tinha podido vender-se e ao mesmo tempo comprar-se com uma riqueza que não fossilizará em sonho algum.

10.

PARA APALPAR A REALIDADE da sua fortuna, Antoine embolsou a sua boiada em notas de pequeno valor. Saiu do banco com duas malas cheias de cédulas e empilhou-as em maços na grande mesa de madeira de oliveira da sua sala. Esses milhares de retângulos de papel eram os átomos do seu sucesso. Ele sucumbiu um pouco à embriaguez causada pelo objeto do desejo da humanidade, e que lhe virava agora a cabeça; a contragosto, sorriu. Estava rico, quer dizer, havia cumprido uma parte do seu contrato realizando uma fantasia compartilhada por bilhões de pessoas.

Mas esse sentimento, que ele batizou de “felicidade”, não durou. Que iria fazer com esta riqueza? Se quisesse ser um milionário ao pé da letra, não poderia contentar-se com conservar este dinheiro. Ser rico não é um fim em si mesmo, a sociedade, as pessoas na rua deviam espelhar com admiração e inveja seu sucesso. Antoine deu-se conta de que,

tornando-se rico, ele não tinha ainda percorrido senão metade do caminho: era necessário agora desejar as coisas que os ricos desejam. E isso lhe pareceu o mais difícil. Para tornar-se rico, bastou que derramasse uma xícara de café sobre o teclado do seu computador; para utilizar a sua riqueza, teria de queimar a mufa.

Folheando revistas, estabeleceu a lista das coisas que devia desejar. E das coisas que não devia desejar: ele cuidou de não incorrer na extravagância dos novos-ricos, categoria aparentemente desprezível de ricos que não têm mais que o verniz menos importante da riqueza, ou seja, o dinheiro.

Como havia se tornado o seu próprio Papai Noel, Antoine deu voltas com o seu próprio e grande saco e o seu próprio trenó de renas. Para decorar o seu loft e guarnecer a reputação, adquiriu arte contemporânea. Em uma prestigiosa galeria parisiense, escolheu telas de um pintor que devia ser um gênio, a crer pelo número de zeros apostos sob a sua assinatura, O proprietário da galeria descreveu-o como o novo Van Gogh. "Aliás", afirmou ele a Antoine para convencê-lo, "ele teve inclusive caxumba." Antoine simulou admiração, soltou um "oh" em favor da idiotice venal do comerciante de arte e abriu a sua maleta. Em seguida, empreendeu comprar um carro de luxo. Ele não sabia dirigir, não tinha a menor intenção de aprender, mas isso não afetou em nada a sua resolução de sacrificar-se a esse rito capital. Quase todo o mundo compra um carro, estando essa opção vedada, apenas, à maioria das pessoas, por razões financeiras. Antoine não tinha de se preocupar com isso, razão pela qual se encontrava diante de uma variedade incrível de marcas, modelos e motores. Ele observou que os diferentes carros de luxo correspondiam, freqüentemente, a uma espécie particular de fortuna: todos os milionários da empresa de Raphi tinham ou carros esporte — os mais jovens —, ou Mercedes ou BMW — os trintões ou mais velhos. Antoine adquiriu o carro que o apresentaria como jovem, brilhante e agente de câmbio milionário: um Porsche vermelho. A concessionária entregou o carro diante do seu loft, e ele aí permaneceu como um anúncio luminoso a apregoar o seu sucesso e o seu poder.

Nas lojas protegidas pelo desprezo de Cérbero dos vendedores dos que não tinham os meios de nelas fazer compras, Antoine foi recebido como um príncipe tão logo perceberam sua coroa de plástico: o seu cartão de crédito dourado. Ele comprou belos ternos que serão motivo de risadas para as futuras gerações, mas que, no momento, difundiam a sua superioridade sobre o comum dos mortais, os que não têm os meios para poder exibir tamanho mau gosto com tão natural ostentação.

A muda (definição do dicionário) é uma "mudança parcial ou total que afeta a carapaça, os chifres, a pele, a plumagem, o pêlo etc. de certos animais, em certas estações ou em determinadas épocas da sua existência". Antoine passara por uma muda. Ele trocara as suas roupas velhas por roupas chiques; perfumava a pele com fragrâncias de preço estratosférico, untava-a, tratava-a com óleos e leites, submetia-se a massagens, bronzeamento artificial nos institutos de beleza, e mantinha o penteado todas as semanas num salão requintado. A muda pode ser igualmente uma mudança no timbre da voz humana no momento da puberdade. Assim, pareceu a Antoine que, no espaço de algumas poucas semanas, ele se tinha tornado subitamente adulto. Antes da época do seu sucesso, a sua voz não era muito eficaz na vida de todos os dias, quando se tratava de pedir alguma coisa a um comerciante, quando fazia alguma demanda a funcionários das administrações, ou simplesmente numa conversa: sucedia que ninguém o ouvia, apesar da sua voz clara. Agora, todavia, sem que ele tivesse constatado mudança real de timbre, Antoine era sucessivamente ouvido, escutado e atendido.

Como costuma acontecer em todas as histórias de muda, podemos dizer que Antoine se havia tornado um tipo de serpente. Ele já não tinha muito a ver com o ser humano que tinha sido, era como se ele tivesse mudado de espécie.

O orçamento havia explodido. Além das muitas aquisições de quadros, além do carro, além das roupas, ele acrescentou ao seu acervo de eletrodomésticos, aparelho de som, DVD e computador. Na verdade, ele não utilizava esses aparelhos de última geração e caríssimos. Da mesma maneira, ele não comia as cargas de alimentos finos com que ele entulhava todas as noites a sua gigantesca geladeira americana. O seu espírito estava em estado de compra, mas ainda não em estado de consumo. Antoine tinha conservado os seus gostos simples. O seu loft parecia um museu de maravilhas da técnica moderna, um cemitério de aparelhos novos.

Para que a sua conta bancária continuasse a alimentar os seus trabalhos práticos de consumo, Antoine derramou novamente uma xícara de café descafeinado no teclado do seu computador. E outra vez foi o jackpot: o dinheiro é um animal doméstico, um bom cachorro fiel que começava a conhecer o caminho da sua conta bancária.

Era o fim da jornada de trabalho. Todos os agentes de câmbio estavam já saindo, quando Raphi chamou Antoine à sua saia. Duas moças em vestido de noite sexy ladeavam Raphi.

— Antoine! — exclamou Raphi. — Você é maravilhoso, meu amigo. Eis a sua boiada.

— Obrigado — disse Antoine colocando os milhões no bolso interno do paletó. — Bem, boa-noite...

— Como "boa-noite"? Nós vamos passar a noite juntos. Para festejar a sua genialidade. Eu lhe apresento Sandy.

— Muito prazer — disse uma das moças, sorrindo e estendendo-lhe a mão fina.

— E Séverine — continuou Raphi —, que será a sua companhia esta noite, seu sortudo.

Antoine observou Séverine, o seu corpo magnífico, o seu rosto provocante, os seus olhos cheios de desejo quando ela o olhava e pensava que havia algum problema com ele. Sentindo suavemente os caninos da sua personalidade ferirem o hipogeu da sua consciência, ele teria perfeitamente engolido uma ou duas pílulas de Felizac para prevenir esse perigo, mas as tinha esquecido em casa. Ele perguntou a Raphi se poderiam falar a sós um instante. Raphi pediu às moças que os esperassem no carro. Elas sorriram com um ar de desafio concupiscente.

— Eu não posso acreditar que você me tenha feito urna coisa dessas — disse Antoine em tom de reprovação.

— Que coisa? De que é que você está falando?

— Você me pagar uma prostituta... Eu pensava que você me conhecia melhor, Raphaël. Vindo de você, isso me decepciona.

— Uma puta? — Raphi caiu na gargalhada. — Você acha que Séverine é uma puta?

— Isso me parece evidente.

— Você deveria ter mais confiança no seu potencial de sedução, Antoine. Não, Séverine não é uma puta.

— Então, por que é que ela quer sair comigo? E, sobretudo, por que é que ela faz essa cara gulosa quando olha para mim? Seria possível dizer até que está convencida de que sou o Brad Pitt.

— Eu falei de você a ela, que você é um mago das finanças, todas essas coisas. Eu lhe garanto que você tem charme.

— Que seja. E o que significa essa Sandy? Raphaël, você tem uma esposa sensacional...

— Ah, não, você não vai me passar um sermão!

— Não, não se trata disso, mas é que... Sim, vou lhe dar uma lição de moral, porque você...

— Você vai me dedurar? Sim, porque dedurar é errado. Os dedos-duros vão para o inferno. Você só está um pouco inibido, Antoine. Relaxe.

— A sua mulher vai ficar triste, você não pode fazer isso.

— A minha mulher não vai saber de nada, por essa razão isso não lhe fará mal algum, e conseqüentemente isso não é um mal.

— Por que você faz isso? Você tem um amor...

— Não há só o amor na vida. Há também o desejo. Merda, Antoine, estamos no ano 2000, houve a liberação sexual, acorde para a realidade. Agora todos dispõem do próprio corpo, as garotas são liberadas.

Raphi tinha a soberba desses príncipes plebeus que confundem os seus privilégios com direitos e as suas justificativas com a verdade, Antoine se sentou numa cadeira de braços diante da escrivaninha. Passou uma borracha numa agenda, com os olhos fixos no vazio. Permaneceu assim um minuto inteiro. Enquanto isso, Raphi arrumava papéis na sua pasta. Antoine fitou Raphi:

— A propósito da liberação sexual...

— Você quer aulas? Séverine lhe dará aulas... se é que você entende o que estou querendo dizer.

— Uma das minhas colegas compartilha a sua opinião, ela concorda com você.

— Mas é claro, as coisas mudaram, é preciso ser menos retraído. Ela usufrui do sexo e tem razão.

— Eu não sei se você a conhece, ela se chama Mélanie.

— Mélanie? — pronunciou Raphi, empalidecendo. — A Mélanie do Nasdaq?

Apoiando-se na escrivaninha, Antoine fez girar a sua cadeira de rodinhas. Ele olhava para Raphi, observava a sua reação, um pequeno sorriso nos lábios e uma certa melancolia subindo à superfície dos olhos. Antoine levantou-se e abraçou Raphi pelo ombro. — Sim. Ela está de acordo, e, para falar verdadeiramente, está prestes a ir para a cama com quem quer que seja liberado como ela. Maravilhoso, não? Mas o problema é que ninguém quer ir para a cama com ela. Então... eu me disse a mim mesmo que, como você também é liberado, poderia talvez prestar-lhe esse serviço...

— Mas Mélaine... ela é mesmo... enfim, você pode ver com os seus próprios olhos... ela não tem nenhum...

— Ela certamente é mais divertida, mais inteligente que todas as suas Sandys, não há a menor dúvida quanto a isso. E isso o que você quer dizer?

— Ela é feia, Antoine, sinto muito, mas é a verdade, ela parece um esqueleto. É um antídoto contra o Viagra.

— E?

— E o quê? O que é que você quer que eu lhe diga? A natureza é assim: nem todo o mundo pode correr os cem metros. Há desigualdades naturais, não posso fazer nada. Ela não tem corpo para isso. Mas há outros esportes. Mais valeria que ela devotasse todas as suas forças ao amor, só os sentimentos podem fazer aceitar um físico como o dela. O amor é cego. Você conhece o provérbio: é uma garota pra amizade, não pra levar para cama.

— Isso é tudo? Mas... Raphaël, você não entende... Ela quer sexo, quer entregar-se ao prazer. Como você, como Sandy.

— Eu posso me informar a respeito de onde se pode encontrar amantes cegos. Escute, Antoine, amanhã vou propor-lhe que a seguradora da empresa lhe pague uma operação para pôr silicone nos seios. Isso deverá diminuir os seus defeitos.

— Você é verdadeiramente caridoso. É tão caridoso que só teria que lhe enfiar um pênis na mão...

— Lembre-se, Antoine, ninguém atrai pela sua personalidade. Não é isso o que excita. E talvez cruel, mas é assim. Não posso fazer nada.

— Kirk Douglas disse: "Mostre-me uma mulher inteligente, e lhe direi: 'Eis uma mulher sexy.'"

— Ei, Antoine, você não quer de verdade que eu vá para a cama com ela simplesmente para ser coerente, não é?

— Isso teria sido bom.

Mélanie era desse tipo de pessoas que gostam do que as rejeita, como esses pobres que admiram os ricos; e, ainda que Raphi não a desejasse porque era feia, ela o desejava porque era bonito. Uma semana depois, ela chegou ao trabalho com um decote sobre os seus novos seios, volumosos e firmes. Para alguns homens, isso bastava para fazê-la visível. Ela já não era um espectro aos olhos dos seus colegas; com os seus seios, ela penetrava enfim no molde do olhar dos homens.

Raphi estava satisfeito com a sua magnanimidade, mas estava preocupado com Antoine por causa, disse ele, do seu "robespierrismo sentimental". Com uma molesta insistência amigável, ele o convenceu a ir

consultar-se com uma amiga que dirigia uma empresa de encontros. Ele deu-lhe todas as garantias de seriedade, assegurou-lhe que isso não o faria comprometer-se com nada, mas pedia-lhe que tivesse pelo menos uma entrevista com a sua amiga. Antoine capitulou para que Raphi parasse de atormentá-lo com o seu catecismo libertino e suas arengas "moralizadoras". Poucas semanas antes, ele ainda tinha uma idéia do amor como uma forma de arte, ou pelo menos de artesanato; agora, porém, avançava no novo mundo, certamente mais real, onde o amor é uma forma de consumo e um lugar de segregação.

No qüinquagésimo andar de um edifício de negócios que abrigava os escritórios de empresas high-tech, Antoine entrou no locus formigante de gente da agência matrimonial. Nada de divisórias; os empregados navegavam em todos os sentidos, os telefones tocavam sem parar; o teclar dos computadores emitia uma música que teria podido ser tocada num festival de música eletroacústica. Antoine foi conduzido a um escritório ao estilo inglês, isolado da agitação. Ele esperou alguns segundos, sozinho, de pé. A peça era iluminada e ordenada. Alguns livros na estante, plantas junto às paredes, objetos de arte discretos, um Apple azul-celeste, uma grande janela. Com vivacidade, uma mulher de uns quarenta anos entrou, pediu-lhe que se sentasse e postou-se à escrivaninha. Ela trajava um tailleur elegante, suficientemente largo para não lhe estorvar os movimentos, e provavelmente para esconder quilinhos a mais.

— O senhor vem da parte de Raphi, não é isso? Bem, vamos encontrar alguma coisa para o senhor. O senhor não deve ser demasiado difícil, o senhor é da segunda opção. Tem exigências especiais?

— Como assim?

— Loura, morena, ruiva, corpo, categoria profissional. Há muitos critérios. Não lhe posso prometer conseguir um encontro com o retrato perfeito do que o senhor quer, mas posso encontrar algo próximo disso.

A mulher ligou o seu computador, consultou arquivos, digitou alguns nomes. Parecia esgotada, no limite das suas forças, e ao mesmo tempo nervosa e revoltada. Ela fitava Antoine à espera da lista dos seus critérios.

— Eu não quero pormenorizar. Enfim... creio que cometi um erro vindo aqui. Queira desculpar-me.

— Isso o choca? Mas é assim mesmo que a coisa se dá, com a exceção de que, em lugar de filtros inconscientes, nós utilizamos filtros científicos. O resultado é o mesmo. Se nós temos o melhor índice de sucesso dentre todas as agências matrimoniais, não é por acaso: tratamos

o assunto como um negócio e não nos cingimos aos sentimentos. Ou melhor, se o senhor assim o preferir, esse é um negócio de sentimentos. Retomemos. Então, nada de perfil determinado.

Os seus dedos golpearam violentamente as teclas do computador. O telefone tocou, mas ela não atendeu. Olhou para Antoine, esmiuçando-o com olho especialista, como se o estivesse avaliando.

— Qualquer garota que seja mais ou menos da minha idade...

— Ótimo. Escute-me, meu jovem, faça um esforço. Nós vamos abrir uma ficha para o senhor e será a partir dela que eventualmente clientes irão interessar-se pelo senhor. Depois disso é que os apresentaremos.

— A senhora quer que eu fale das minhas paixões?

— Sim, mas vamos deixar isso para o fim. Antes, necessito saber a sua situação social.

— Eu preferia que não, não quero que...

— O senhor está zombando de mim? Eu não tenho tempo para perder com pessoas que querem ser amadas pela sua personalidade. Ainda que o senhor fosse bonito, encontraria sem dificuldade moças que o amariam pelo seu humor e pela sua gentileza. Mas isso... Meu jovem, nós não estamos aqui para dar lição de moral, para dizer que isso é bom ou aquilo é mau, simplesmente é assim que funciona o mundo, queira ou não o senhor, é assim, e por isso é que o senhor tem todas as chances. Maquiavel disse coisas sobre a política que podem parecer cínicas, mas nem por isso deixam de ser absolutamente verdadeiras. Nós somos os Maquiavéis do amor. Não digo que as pessoas amem pelo dinheiro, pela cor dos cabelos, pelos contornos do peito, mas as estatísticas nos mostram que tudo isso tem influência determinante. O trabalho, a musculatura, o corpo, a idade, o dinheiro, o peso, o carro, as roupas, a cor dos olhos, a nacionalidade, a marca de sucrilhos que o senhor come de manhã... O senhor não pode imaginar a quantidade de fatores que têm influência. O senhor sabia que os louros têm mais vinte e quatro por cento de relações sexuais que os morenos? Há verdades no amor e no sexo, e sabe o senhor quais são? Essas verdades não dizem respeito a ninguém, porque todo o mundo está persuadido da peculiaridade da sua pequena história. Tenho toneladas de estatísticas que me provam o contrário.

— A senhora está generalizando — disse Antoine, reconfortando-se. — A personalidade conta, a meu ver, não tanto para todo o mundo, mas... Eu conheço pessoas para as quais isso conta. A senhora talvez esteja exagerando um pouco.

— O senhor acha? E possível. Eu sou infeliz, e por isso é um direito meu exagerar e ter uma visão pessimista de tudo isso. No entanto, creio que sou objetiva; no amor a verdade é, sem dúvida alguma, o cinismo. Falando francamente, enerva-me ser tão objetiva, compreender que tudo isso não é sem motivo e que não se é responsável por nada. Eu gostaria de deixar de ser objetiva, para permitir-me odiar e, enfim, conseguir detestar meu marido, que me deixou por uma moça de vinte anos.

Ela bateu com o mouse na mesa, apertou uma tecla do computador e levantou-se. Sorria com uma malícia triste. Virou-se para a estante, mudou livros de lugar, derrubou uma estatueta de coala que se espatifou no chão. Recolheu os fragmentos.

— Sinto muito... — murmurou Antoine levantando-se e ajudando-a a recolher os pedaços da estatueta.

— Por que sente muito? — disse a mulher franzindo as sobrancelhas. — Eu estou proibida de sentir muito e de criticar meu marido. Por que o senhor sente muito?

— Eu queria justa... Ele a deixou por uma mulher mais jovem...

— E então? O senhor se engana ficando do meu lado. Eu, de minha parte, jamais me apaixonaria por um homem como o senhor.

— Porque eu não sou suficientemente mignon?

— Não, é sobretudo porque o senhor é mais baixo que eu.

— Precisamente por causa disso?

— Isso é importante, ou pelo menos é importante para mim. E não me pergunte por quê. Mas tenho de admitir que isso é igual a o babaca do meu marido preferir uma jovem. Não há inocentes no amor, há somente vítimas.

— E um pouco calculista escolher de acordo com esse gênero... de critérios...

— Não, o senhor está enganado. Nada é calculado, todo o mundo é sincero no amor. Meu marido está realmente apaixonado por essa rameira. Ele não disse a si mesmo: "Oh, minha mulher de quarenta anos está com os seios caindo, a sua pele já não é bela como antes, ela está engordando, vou trocá-la por outra." Tudo isso é verdade, a meu ver, mas ele não pensou isso. Simplesmente, aquilo se deu naquelas condições. Só depois é que se pode racionalizar e esmiuçar um comportamento. Eu, de minha parte, teria adorado o senhor, o senhor teria sido talvez o meu melhor amigo, mas eu não me teria apaixonado pelo senhor, sinceramente. Quando ouço pessoas dizer que não sabem

por que se apaixonaram por alguém, isso me faz sorrir. Elas não o querem saber, talvez, mas, entre as muitas razões ligadas ao encontro de duas personalidades, há razões psicológicas, sociais, genéticas... O amor e a sedução são as coisas mais inconscientes e ao mesmo tempo as coisas mais racionais que existem. Dizer que não há razões permite não confessar que elas não são muito gloriosas, pois quem tem interesse na verdade? Quando eu perguntei a meu marido por que ele me estava trocando por aquela mulher, jovem, fina, loura, sexy, com seios espetaculares, cheia de vida, ele me respondeu: "Eu não sei, querida, ninguém sabe por que fica apaixonado, isso acontece, é tudo." E quer saber o que, no findo, é pior? Ele estava sendo sincero, aquele filho-da-puta acreditava sinceramente nessas babaquices. Aquele sacana estava sendo sincero, O senhor sabe o que dizia Mme de Staël? "No domínio dos sentimentos, não há necessidade de mentir para dizer mentiras." Então, sim, eu exagero... mas tenho razão para exagerar, porque... eu estou velha, faço parte da plebe, agora.

Chorando, a mulher continuava a falar, censurava-se por estar chorando, maldizia o marido e a sua nova noiva. Ela não percebeu quando Antoine se eclipsou, contristado.

Em um frutuoso dia de desespero, ele se dissera que acreditar nas verdades que nos obrigam a curvar a cerviz é fazer reverência à realidade que as produz: quem quer que queira encontrar provas da sua infelicidade as encontrará, pois nos assuntos humanos encontra-se sempre o que se procura. Ele tinha decidido, então, que toda e qualquer verdade que o fizesse sofrer era uma moral, que a realidade mesma era uma moral, e que ele podia opor a ela a sua imaginação. Mas, saindo do edifício, apesar da sua perturbação, ele já não se lembrava disso. Mais precisamente, ele não teve necessidade de se lembrar: ele tomou duas pílulas de Felizac, e evaporou-se o espectro das palavras desiludidas da mulher. Antoine chamou Raphi, contou-lhe o episódio e aconselhou-o a tomar cuidado com a sua amiga.

Uma sombra tinha flutuado perto da sua consciência durante a entrevista, mas ela se desvanecera assim que tinha reencontrado o ritmo da vida em que os dias se reproduzem a si mesmos.

Para os que estão perfeitamente integrados na sociedade, existe apenas uma estação, um perpétuo verão, que lhes bronzeia o espírito com um sol que não se oculta no sono: eles têm sonhos em que jamais anoitece. Antoine vivera vinte e cinco anos de um outono chuvoso; doravante, fosse inverno, primavera ou outono, não haveria para a sua consciência senão o reinado irrestrito do verão.

11.

O MÊS DE SETEMBRO COMEÇAVA. O sol ainda estava vivo e acariciava com mãos de vento a pele dos passantes. Esta noite, Antoine permanecera diante da tela da televisão, mudando constantemente de canal, vendo programas interessantes, engraçados. Pouco importava, com efeito, o que via: a única coisa que o interessava eram os efeitos tranqüilizantes e ansiolíticos da televisão, essa iluminação solar que reaquecia e preenchia a caverna da sua consciência. Com o controle nas mãos, ele mudava e mudava de canal. Ele o tinha recoberto com um tecido sedoso e grosso e o tinha equipado com um pequeno motor que produzia um suave ruído de ronrom quando ele passava a mão por cima. Era o seu controle-gato. Com o indicador, procurava os programas que lhe fornecessem o pretexto que lhe desculpava o vício. Apesar das quatro pílulas de Felizac, Antoine não se sentia bem. Isso desde que ele tinha encontrado, algumas horas antes, ao voltar do trabalho, um pacote diante da sua porta. Era um pequeno pacote postal inofensivo, razão pela qual Antoine não tinha desconfiado de nada ao abri-lo na cozinha. Tinha rasgado o papel, a fita adesiva, e ao abri-lo uma deflagração o projetara contra a geladeira. Com os olhos fixos, ele permanecera contemplando o pequeno pacote aberto que continha uma edição de bolso da correspondência de Flaubert. Seu coração retomara pouco a pouco um ritmo regular. Ele chorara, sem poder conter-se, como se as suas lágrimas tentassem transportar a visão do livro sobre a mesa ou apagar o incêndio que ele tinha provocado explodindo na sua memória. Ele não o tinha tocado, não tinha ousado fazê-lo. A correspondência de Flaubert era um dos livros preferidos de Antoine antes da sua transformação. Ele o adorava, tinha-se amiúde reconhecido a si mesmo nos tateios, nas desilusões e nas dificuldades de Flaubert em simplesmente estar vivo e suportar a sua época. Reaparecendo subitamente esse livro, era como se ele tivesse mordido uma maçã envenenada que perturbava um organismo e um pensamento que ele julgara em segurança. Ele perguntava-se se esse atentado era obra dos seus antigos amigos, que, ao feri-lo, tentavam recuperá-lo. Ele tinha concentrado a sua vontade em lutar contra essa bomba de papel que ameaçava desarranjar a rotina aprazível e sem surpresa da sua vida. Por medo de ser contaminado, tinha deixado o livro sobre a mesa e tinha acorrentado a sua consciência à televisão, fazendo ronronar o seu controle na mão.

As cores da noite penetravam no apartamento de Antoine. A lua bronzeava-se ostensivamente na praia de areia negra do espaço. Antoine tentava hipnotizar-se no olho do ciclope televisivo, quando, repentinamente, um arpão veio cravar-se na tela. Faíscas, um pouco de

fumaça negra, as palavras de um apresentador que se distorciam, e depois nada mais, nada senão esse arpão justamente no meio da tela. Antoine virou-se rapidamente, o controle caiu. Nenhuma luz estava acesa no apartamento, razão pela qual ele não pôde distinguir a forma humana do arpoador. Não se tratava de um extraterrestre, pensou Antoine, tranqüilizando-se. Com surpresa, ele constatou que não sentia medo, certamente por causa da overdose de Felizac. Ele forçou-se a tremer e mordeu o lábio inferior. Pela sua silhueta, era um homem de aparência normal, a priori sem asas de morcego.

Na rua, as luzes se acenderam nos postes. Agora Antoine distinguia o homem diante dele.

— Dany Brillant... — murmurou ele. — Você é Dany Brillant. Dany Brillant é um ladrão. Quer matar-me? Você é uma espécie de serial killer?

Antoine conhecia vagamente esse cantor que parecia ter ficado fossilizado nos anos cinqüenta; ele achara agradáveis e encantadoras muitas das suas canções. Tudo isso fazia sentido: Dany Brillant com o seu penteado à Elvis, os seus ternos zazou e as suas canções de outra época — esse sujeito era um psicopata. Dany Brillant riu. Estava vestido com um simples terno negro com uma camisa branca aberta no peito e calçava sapatos negros envernizados. Um traje que ficaria perfeito em Jerry Lee Lewis.

— Falso, falso, falso. Tudo em você é falso, Tony. Eu não sou Dany Brillant, nem um ladrão, nem, menos ainda, um serial killer. Você acha que um matador serial se vestiria com esta classe?

— Isso eu não sei, mas ninguém normal se vestiria com esse tipo de terno. Você é Dany Brillant. Fala como ele, tem o mesmo sorriso, o mesmo penteado com brilhantina nos cabelos. Você é Dany Brillant.

— Você se engana, Tony: eu sou o fantasma de Dany.

— Dany Brillant morreu?

— Não.

— Então, como você pode ser o seu fantasma?

— Eu sou um fantasma prematuro. Isso acontece. Só apareço quando o Dany Brillant vivo está dormindo.

— Você está brincando.

— Que nada, Tony. Toque-me.

Dany Brillant, ou o seu fantasma, aproximou-se de Antoine de maneira exageradamente descontraída, com olhos maliciosos, estalando os dedos.

— Já entendi — disse Antoine, recuando —, você é um pervertido.

— Eu sou um fantasma! — disse Dany, rindo. — Toque-me e verá que a sua mão passa através do meu corpo.

E, com efeito, a mão de Antoine atravessou o corpo de Dany. Isso divertiu muito Antoine.

— Ei, basta! Pare com isso! Eu não sou um brinquedinho, Tony.

— Você quer fazer o favor de parar de me chamar de "Tony"?

— Perfeitamente, Tonio.

— Pois bem, continue a me chamar de "Tony", é menos horroroso.

— Perfeitamente, Tony. Você me permite dar uma olhada na sua geladeira?

Sem esperar a resposta, Dany entrou na cozinha. Abriu a porta da geladeira, iluminando a peça. Antoine seguiu-o. Dany ficou de boca aberta diante da geladeira aberta, ajoelhou-se, de braços abertos, em adoração, como em prece diante daquela profusão de alimentos. Levantou-se e empilhou no braço Nutella, foiegras, um salsichão, queijos, blinis, todos os tipos de alimentos. Colocou o seu tesouro na grande mesa da cozinha, sentou-se numa cadeira alta e começou a devorar.

— Os fantasmas comem? — perguntou Antoine instalando-se num banco diante dele.

— Pra caramba — disse Dany com a boca cheia de blini besuntado de foiegras e de Nuteila. — Além disso, o melhor é que eu não engordo. Posso comer hambúrgueres o dia todo, beber tanta Coca-Cola quanto queira, que não engordo um quilo. Ser fantasma é maravilhoso, a vida de um fantasma é um vidão, meu rapaz. Você me passa a Coca?

— Escute, Dany, você tem um jeito supersimpático, canta lindas canções, mas amanhã eu tenho trabalho. Por isso, você não poderia ir visitar outra pessoa?

— Não posso — disse Dany após ter esvaziado metade da garrafa de Coca-Cola e arrotado sem se conter. — Eu tenho uma missão, e é por isso que estou aqui.

— Ah, e a sua missão é esvaziar a minha geladeira?

— Não, mas isso torna a missão ainda mais simpática.

— Você não poderia deixar de comer um instante e se explicar sem espalhar migalhas por todos os lados? Sou eu quem arruma a casa.

— Cool, Tony. Eu fui designado para ser o seu anjo da guarda.

— Para me prevenir dos riscos do colesterol? Quem o designou?

— Não sei, eu estava bêbado. Como quer que seja, estou aqui para tirá-lo de toda esta merda.

Dany fez um gesto largo, abarcando todo o apartamento. Ele arrotou e escarafunchou na montanha de alimentos. Era visível que o fantasma de Dany Brillant tinha menos classe que o original.

— Então, é maravilhoso, não? — frisou Antoine, irônico.

— Sim, pode-se dizer que sim — aprovou Dany enquanto atacava um pacote de chips. — Bem, Tony, como é a sua vida? Você é feliz?

— Essa não é a palavra que eu empregaria, mas tampouco sou infeliz.

— Nem feliz, nem infeliz? Nada pior. A sua vida é uma merda.

— Obrigado, você é muito delicado. Para ser anjo da guarda, você teve algum tipo de formação psicológica?

— Não, isso se aprende fazendo. Você é o meu primeiro,Tony, o meu first one.

— Fantástico, verdadeiramente fantástico.

Antoine começou a recolher os restos dos alimentos e das embalagens. Dany limpou a mesa com as mãos, tirou os papéis gordurosos, os pedaços de bolo, as fatias de salmão e, enfim, encontrou o objeto da sua busca: a edição de bolso da correspondência de Flaubert. Ele sacudiu-lhe a poeira e tirou a gordura que lhe cobria a capa, folheou-o e abriu numa página que ele marcou dobrando-lhe o canto.

— Aqui está. Você tem um micro, Tony?

— Na sala, Dany — murmurou Antoine, cada vez mais esgotado. — Debaixo do aparelho de som.

Após ter aspirado um pequeno pote de caviar com um canudo com cabeça de Mickey, Dany entrou na sala. Ele desencaixotou o micro, ligou-o e conectou-o ao aparelho de som. Um barulho agudo de distorção explodiu.

— Você poderia passar-me o meu Best of, Tony?

— Eu não tenho o seu Best of Dany. Aliás, não tenho nenhum disco.

— Isso não é grave — disse Dany tirando um CD do bolso —, eu já tinha previsto que isso aconteceria. O seu aparelho de som tem a opção karaokê, é genial.

Ele pôs o CD no drive e apertou alguns botões. Tinha o livro da correspondência de Flaubert aberto na mão esquerda. Teclou no micro, clicou em "ler" e as primeiras notas do seu sucesso "Dá-me outra chance" surgiram das caixas de som, sem as palavras. Ele balançou a cabeça ao ritmo da música e depois começou a cantar um trecho de uma carta a Mile Leroyer de Chantepie, datada de 18 de maio de 1857, seguindo exatamente a estrutura musical da sua canção e acrescentando-lhe exclamações mais pessoais:

"As pessoas ligeiras, superficiais, os espíritos presunçosos e entusiastas querem uma conclusão em todas as coisas;

Eles buscam a finalidade da vida, oh, e a dimensão do infinito, ah!

Eles tomam na mão, mmmh, na sua pobre mãozinha, um punhado de areia,

E dizem ao oceano:

"Eu vou contar os grãos das tuas margens", uau!

Mas, como os grãos lhes correm por entre os dedos, ai, e como o cálculo é longo,

Eles batem com os pés no chão e choram, ai, eles choram.

Você sabe o que há para fazer na margem do rio?

Ajoelhar-se ou passear, ah!

Passeie. Passeie, Tony! Ah, passeie! Mmmh passeie! Tony!"

Afundado no sofá, Antoine, a contragosto, deixou-se embalar pelo ritmo agradável da canção. As palavras o haviam engolfado numa vertigem. Ele abraçava uma almofada. Terminada a música, Dany dirigiu-se até ele. Tomou-o pelos ombros e sacudiu-o amigavelmente.

— Pare de pender a cabeça, Tony. Um pouco, assim, mas o gordo Gustave tem razão: passeie na margem do rio! Você tem de parar com essas babaquices, você não é um golden boy, você é você, ora. Mande tudo às favas, aquele babaca do Raphi, volte para os seus amigos e invente a sua vida. Ah, invente a sua vida, Tony.

— Tudo o que você diz se parece com as palavras da canção... — murmurou Antoine forçando-se a sorrir.

— Deformação profissional — admitiu Dany.

A noite começava a recolher-se, pássaros cantavam e saltitavam nos ramos da rede e dos postes elétricos. Dany se levantou e vestiu o paletó.

— Agora tenho de ir: outros miseráveis têm necessidade dos meus conselhos. Mas continuarei a zelar por você enquanto você não estiver fora desse negócio. Você sairá, Tony. Sabe o que dizia Nietzsche? "A inteligência é um cavalo louco, é preciso aprender a segurar suas rédeas, a alimentá-lo com boa aveia, a limpá-lo, e, às vezes, a usar o chicote." Tchau, Tony.

O fantasma de Dany Brillant atravessou a sala e desapareceu na escuridão do corredor sem que Antoine tivesse ouvido a porta abrir-se. Ele dormiu no sofá por algumas horas que lhe pareceram séculos.

Durante a semana que se seguiu à visita do fantasma, Antoine não falou com ninguém; parecia preocupado. Ignorou Raphi, os seus amigos agentes de câmbio e as suas idas artificiais aos lugares da moda. Na sexta-feira à noite, ao deixar o trabalho, chamou um táxi para voltar para casa. Uma van negra de vidros opacos, com a pintura de uma mulher cavalgando um dragão, freou justamente diante de Antoine com cantar de pneus. O motorista virou-se para Antoine apontando-lhe um revólver. Ele usava uma máscara de Albert Einstein que lhe cobria todo o rosto. A porta da van correu, dois outros Einsteins o tomaram cada um por um braço e o meteram dentro do veículo, Antoine não reagiu; ele estava tão, mas tão extenuado, que não tinha forças para se opor a vontades contrárias. Os Einsteins amordaçaram-no, vendaram-lhe os olhos e amarraram-no. Antoine tentou registrar mentalmente o percurso, os momentos em que eles viravam à esquerda, à direita, os sinais vermelhos, mas, ao cabo de cinco minutos, perdeu o fio da meada. Após uma corrida cheia de derrapagens e de freadas bruscas, a van parou. Os Einsteins levaram Antoine para fora. A brisa da noite de setembro era agradável como se fosse seda. Eles entraram num lugar fechado, um edifício, pareceu a Antoine. Alguém o tomou pela cintura e o pôs sobre os ombros. Nesta posição, ele foi transportado através de muitos degraus, incontáveis degraus, pois que ele começava a sentir vertigem. Abriu-se uma porta. Braços instalaram-no numa cadeira. Os seqüestradores lhe tiraram as cordas, a venda e o amarraram à cadeira. Deixaram-lhe a mordaça. Durante alguns segundos, enxergou tudo turvamente, entreviu as silhuetas em torno dele, uma janela. Enfim, as imagens tornaram-se nítidas, e ele pôde observar as quatro pessoas vestidas de negro com o rosto coberto por máscaras de Albert Einstein. Estavam diante dele, em

semicírculo, sem nada dizer. Antoine tentou falar, mas a mordaça não lhe permitiu articulação alguma. Olhou atentamente o cômodo em busca de indícios, de qualquer coisa que explicasse o seu seqüestro. Grandes lençóis brancos tinham sido estendidos sobre as paredes e a janela. Uma lâmpada halógena estava acesa atrás dos seus seqüestradores, o que os tornava maiores e mais impressionantes do que eram realmente; as suas sombras gigantescas tomavam todo o cômodo e passavam sobre Antoine, amarrado à sua cadeira. As rugas de plástico das máscaras de Einstein sobressaíam em contrastes terrificantes, as suas guedelhas de cabelos brancos brilhavam como colinas de fogo despojadas das suas cores.

Eles pegaram Antoine em sua cadeira e o puseram de costas para a janela. Ao lado dele, instalaram um projetor de slides. Começou então a mais impressionante sessão de exorcismo que jamais se viu.

De uma bolsa de plástico Champion, um Albert Einstein tirou uma dezena de cabeças e pés de frangos. Ele os dispôs em círculo em torno da cadeira e colocou uma cabeça de galo com as suas belas penas em volta do pescoço de Antoine. Outro Albert Einstein pegou uma garrafa cheia de sangue e borrifou-lhe o rosto. Os quatro Albert Einsteins colocaram-se ligeiramente atrás de Antoine; a luz se apagou; o projetor de slides começou a operar.

Ao mesmo tempo que o aparelho projetava slides de grandes espíritos da humanidade, de obras de arte, de invenções e de descobertas, os quatro Einsteins leram, como encantamentos, textos considerados por uma alopatia ingênua como capazes de combater a letargia. Todos os quatro tinham na mão um exemplar das Meditações metafísicas, de Descartes, da coleção de capa vermelha de uma editora universitária, e dir-se-ia que eles tinham um livro de orações. Em coro, eles leram a primeira meditação, em voz alta e forte, enquanto os rostos de artistas, de cientistas, de humanistas e dos Simpsons desfilavam no lençol. Eles continuaram declamando, agora, passagens dos Pensamentos de Pascal, dos Comentários de um amante de Gracián e do vinho da Borgonha e os momentos mais engraçados de Três homens em um barco, de Jerome K. Jerome.

A sessão de exorcismo durou pouco mais de uma hora. Enfim os diques dos slides se detiveram. Os seqüestradores cessaram as suas melopéias eruditas. Eles acenderam a lâmpada e tiraram os lençóis que cobriam a peça. Antoine reconheceu o seu antigo conjugado de Montreuil. Os seqüestradores desmascararam-se: apareceram os rostos cobertos de suor de As, Charlotte, Ganja e Rodolphe. Pareciam satisfeitos com o trabalho realizado, mas foram necessários os gestos de Antoine na sua cadeira para que pensassem em soltá-lo.

— Vocês perderam a cabeça ou o quê? — perguntou Antoine o mais calmamente que pôde, livrando-se com horror da cabeça de galo que lhe haviam colocado no pescoço.

— A gente queria justamente desenfeitiçá-lo, Antoine — explicou Ganja. — Você se tornou um estúpido por demais babaca.

— Eu tenho uma tia um pouco feiticeira vodu — continuou Charlotte — e ela nos explicou como livrar você desse sortilégio em que você mesmo se lançou.

— Nós o salvamos — perorou Rodolphe com a sua habitual auto-suficiência. — Você se tornou um zumbi. A gente o dezumbizou. Missão cumprida.

As tomou Antoine nos braços e estreitou-o fortemente ao seu imenso corpo luminoso. Em octossílabos, disse-lhe como estava feliz por revê-lo. Antoine abandonou a idéia de encolerizar-se: os seus amigos não haviam tido senão uma generosa intenção com respeito a ele e, ainda que tivessem agido com imperícia e com risco de traumatizá-lo, tinham querido apenas salvá-lo.

Antoine contou-lhes — sem mencionar a visita noturna do fantasma de Dany Brillant para não os inquietar acerca da sua saúde mental — que ele tinha deixado de tomar as suas pílulas havia já uma semana, e que tinha preparado brilhantemente a sua saída do trabalho: tinha introduzido um vírus no sistema informático da empresa de Raphi, o qual, ligado à rede mundial, devia provocar na reabertura dos mercados, no início da semana, algo como uma divertida desordem financeira.

Nesta noite de libertação, eles dormiram todos sobre os lençóis brancos no conjugado de Antoine, como crianças numa cabana construída num carvalho no meio de uma floresta mágica.

Passaram-se alguns dias, durante os quais Antoine dedicou o seu tempo aos seus amigos, a se divertir e a reencontrar a alegria de serem dependentes uns dos outros.

Certa manhã, policiais bateram à sua porta e o prenderam. Raphi fugira para a Suíça com algumas economias. Considerando que o seu exílio helvético era uma punição suficientemente cruel, a Justiça não pediu a sua extradição. Rapidamente se abriu um processo. Antoine pagou uma multa que lhe comeu todo o dinheiro que tinha podido ganhar; todos os seus bens inúteis, os seus quadros, o seu carro foram seqüestrados; e, como ninguém havia sido ferido, ele foi condenado a

apenas seis meses de prisão com sursis. Antoine julgou que era um preço honesto pelo exílio de Raphi e por ter feito desaparecer alguns bilhões.

12.

ERA UMA DESSAS MANHÃS às portas do outono em que a lua conseguia sobreviver ao dia. O sol não aparecia no céu: ele penetrava delicadamente todas as individualidades naturais e urbanas, transpirava em pétalas de flores, edificações antigas e rostos extenuados de passantes. No holocausto fecundo do tempo que passa, floresciam para os olhos traumatizáveis os únicos verdadeiros edens, aqueles cuja arquitetura se constrói a partir de sensações.

Neste domingo de manhã, Antoine despertou às oito horas. Em meio às ondas entre mescladas que separam o sono da vigília, tinha-lhe parecido ouvir uma canção.

Espreguiçando-se, ele se ergueu. Após ter posto água para esquentar, tomou uma ducha. Uma vez completada a infusão do chá, permaneceu por um instante a olhar o líquido verde e fumegante diante da sua janela. Num galho, um passarinho parecia fazer pose para o álbum da memória de Antoine; o sol de verão exalava um flash permanente na atmosfera. Sem beber uma gota do seu chá, ele pousou a xícara diante da janela e saiu do seu conjugado.

Caminhou até o parque de Montreuil, imiscuindo-se entre os carros e os passantes. Andava depressa, livre de amarras, os cabelos em revolta ainda úmidos. A esta hora, o parque estava praticamente deserto: velhos passeavam, mulheres arejavam os filhos, uma pintora com um chapelão erguera seu cavalete sobre a grama.

Antoine caminhava a passos errantes, como perdido nesse lugar aprazível e calmo. Sentou-se num banco ao lado de um homem velho apoiado na sua bengala de cabo de prata. O velho estava com um chapéu de feltro cinza com uma fita de seda negra; virou ligeiramente a cabeça na direção de Antoine e depois retomou a sua posição de sentinela esgotada. Antoine olhou na mesma direção e, durante um momento, não viu nada, mas, estreitando os olhos, observando atentamente, percebeu uma mulher jovem precisamente diante dele. Ela perscrutou Antoine, inclinou a cabeça, abaixou-se para examiná-lo como se ele fosse uma escultura e por fim lhe estendeu a mão. Por reflexo de cortesia, Antoine apertou-lhe a mão. Ele quis falar, mas a mulher lhe pôs um dedo sobre os lábios e fez

sinal para que se levantasse e a seguisse. Eles afastaram-se do banco e do velho.

— Estou procurando os meus amigos — disse a moça olhando para Antoine, e depois em volta.

— Eles se parecem com quem?

— Com você, talvez. Como você tinha a aparência de ser alguém interessante sentado naquele banco, eu disse a mim mesma que você gostaria muito de ser um dos meus amigos. Você tem uma aparência de ser de boa qualidade. De uma qualidade superior.

— De qualidade superior... Você parece estar falando de um presunto.

— Não, não estou falando de presunto, eu não como carne.

— E você come os seus amigos?

— Eu não tenho amigos, você precisa prestar um pouco de atenção às minhas palavras. Então, como eu digo coisas verdadeiramente assombrosas, é seu papel perguntar-me por quê.

— O meu agente se esqueceu de me mandar a continuação do script. Então... por quê?

— Por que o quê? — perguntou ela fazendo-se de assombrada de maneira muito convincente.

— Por que é que você não tem amigos?

— Eles mofaram. Eu não tinha reparado em que eles tinham prazo de validade. É preciso prestar atenção a isso. Os meus amigos começaram a ter traços de apodrecimento, manchas verdes muitíssimo repugnantes. O que eles diziam começava a verdadeiramente cheirar mal...

— Isso pode ser perigoso.

— Sim, eles teriam podido causar-me uma intoxicação.

— Você os pôs em quarentena?

— Não, não houve necessidade, eles se projetaram sozinhos em suas vidas enfermiças.

— Você é severa.

— Perdoe-me, porém esse não é o seu texto: você deveria ter dito: “Você é fantástica.”

— Surgem improvisos de última hora no próprio palco.

— Eu sou sempre a última a saber!

A moça parou subitamente e deu um tapa na testa. Ela encarou Antoine, parecendo arrasada, com os olhos arregalados.

— Esquecemos a cena de apresentação! Esquecemos a cena de apresentação! Temos de recomeçar desde o início. Vamos, vamos voltar ao banco.

— Você sabe — respondeu Antoine detendo-a —, a gente poderia fazer umas anotações para garantir a continuidade. É isso que se chama fazer montagem.

— Você tem razão. Caminhemos por alguns instantes sem dizer nada e apresentemos-nos. Ação.

Eles caminharam pelas pequenas alamedas do parque, sobre a relva, olhando as árvores, os pássaros. O tempo estava ameno, o ar tinha uma cor clara e quase cintilante. Nunca o mês de setembro tinha sido tão agradável; ele ignorava ingenuamente o outono que se aproximava, permanecia altivo, de pé, esbanjava as derradeiras forças do verão como se elas fossem infinitas.

— Oh — disse a moça espontaneamente —, eu me chamo Clemente.

— Muito prazer — respondeu Antoine com um tom jovial. — E eu me chamo Antoine.

— Eu estou encantada em conhecê-lo — disse ela apertando-lhe a mão, e depois, após alguns minutos de silêncio, prosseguiu: — Agora, Antoine, retomemos a partir do momento em que você dizia que eu sou fantástica.

— Eu dizia que você é severa.

— Você é muitíssimo injusto. Você não sabe julgar?

— Eu tento, mas é difícil.

— A minha teoria é que se pode compreender e julgar. A gente julga justamente para se defender, porque quem tenta compreender a gente? Quem compreende os que tentam compreender?

— Lacenaire dizia que os únicos que estão capacitados para julgar são os condenados.

— Então, se é assim, nós somos os condenados — disse Clémence abrindo os braços. — Eu sempre fui condenada, desde pequena fui julgada com sentenças silenciosas. E bonito o que eu disse, não?

— Por exemplo?

— Por exemplo: tudo. A sociedade inteira é um julgamento contra mim. O trabalho, os estudos, a música moderna, o dinheiro, a política, o esporte, a televisão, os manequins, os jornais, os automóveis. Isso é um bom exemplo: os automóveis. Eu não posso andar de bicicleta, caminhar onde queira, desfrutar da cidade: os automóveis condenam a minha liberdade. E eles são fétidos, são perigosos...

— Estou de acordo. Os automóveis são uma calamidade.

Eles compraram algodão-doce. Bicando, arrancando volutas rosa, eles comeram rapidamente, açucarando os dedos e os lábios.

— Outra coisa — disse Clémence. — A meu ver, a grande divisão do mundo, bem, à parte todo esse negócio de classes sociais, a grande divisão do mundo é entre os que vão às festas e os que não vão. E esta divisão da humanidade, que data da época do colégio, persiste toda a vida sob outras formas.

— Eu não era convidado para as festas.

— Eu tampouco. Eles tinham medo, porque eu dizia o que pensava e eu pensava muito mal dos meus colegas. Eu detestava quase todo o mundo. Era genial. Mas agora, porque perceberam como nós somos fantásticos, eles querem convidar-nos para as festas de adultos, e fazer de conta que nada aconteceu, como se tudo estivesse esquecido. Mas não, nós não iremos.

— Ou então vamos somente para comer salgadinhos e tomar garrafas de Orangina.

— E bater com tacos de beisebol na cabeça de todos eles — disse Clémence simulando o gesto.

— E acabaremos com eles com tacos de golfe, é mais elegante.

— Com classe, com graça.

Discutindo tudo isso, eles deixaram o parque. Caminhavam lado a lado, Clémence saltitava, colhia flores, perseguia os pássaros para tocá-los. Ela tinha, mais ou menos, a idade de Antoine; por momentos ficava muitíssimo séria e, no instante seguinte, desenvolta e leve, a sua personalidade não cessava de virevoltear. Com ar cândido, ela exclamou abrindo os braços:

— Por que a gente não teria o direito de criticar, de achar certas pessoas babacas e fracas, sob pretexto de que teríamos um clima pesado e ciumento? Todo o mundo se comporta como se fôssemos todos iguais, como se fôssemos todos ricos, educados, poderosos, brancos, jovens, belos, machos, felizes, como se todos estivéssemos com boa saúde, como se todos tivéssemos um carrão... Mas isso, obviamente, não é verdade.

Por isso, tenho o direito de gritar, de estar de mau humor, de não sorrir idiotamente todo o tempo, de dar a minha opinião quando vejo coisas não-normais e injustas, e até de insultar as pessoas. Tenho o direito de protestar.

— Estou de acordo, mas... isso é fatigante. Podemos fazer isso de um jeito melhor, não?

— Você tem razão — concedeu Clémence. — E idiota gastarmos toda a nossa energia com coisas com as quais não vale a pena gastá-la. Mais vale guardarmos as nossas forças para nos divertir.

— E para passear na margem do rio.

— Passear na margem do rio... Isso é de uma canção, não?

Clémence cantarolou uma vaga canção. Eles caminhavam na calçada entre a multidão de trabalhadores e desempregados, estudantes, velhos e crianças. As lojas, as padarias, os bancos continuavam cheios desses glóbulos variegados que são os seres humanos no aparelho circulatório da cidade. Um carro passou diante deles buzinando e parou dez metros adiante, num sinal vermelho. Clémence tomou Antoine pelo braço.

— Feche os olhos — pediu-lhe ela. — Eu tenho uma surpresa para você.

Antoine fechou os olhos. Um vento leve e quente eriçou os cabelos dos dois jovens. Clémence conduziu Antoine puxando-o pelo braço; ela o levou para o meio da rua. A uns cem metros, vinha um veículo negro.

— Bem, você já pode abrir os olhos.

— Clémence, está vindo aí um automóvel negro — constatou tranqüilamente Antoine.

— Você prometeu que teria toda a confiança em mim.

— Não, de maneira nenhuma, eu nunca disse isso.

— Ah, sim, eu esqueci de lhe pedir que tivesse toda a confiança em mim. Tenha confiança em mim, certo?

— Clémence, o automóvel...

— Jure que você vai ter toda a confiança em mim e pare de gemer, seu medroso. Você não deve mexer-se, isso é muito importante.Jure.

— Está bem, eu juro. Eu não vou mexer-me, eu não... vou mexer-me...

O carro estava já a não mais de trinta metros, a sua buzina urrava para que os dois jovens saíssem do meio da rua. Antoine e Clémence não

se mexiam, os passantes olhavam para eles. No penúltimo instante, Clémence puxou Antoine pelo braço e eles caíram na calçada. O carro negro passou resmungando ferozmente e arreganhando-lhes os dentes.

— Eu salvei a sua vida — disse Clémence. — Eu sou a sua heroína! — Ela se levantou e ajudou Antoine a se pôr de pé. — Isso quer dizer que nós estamos ligados pela vida. Doravante nós somos responsáveis um pelo outro. Como os chineses.

— Eu acho que já tive suficientes emoções por hoje.

— Você tem algum número de emoções que não pode ultrapassar?

— Sim, tenho, é isso, senão corro o risco de morrer de overdose. E não me diga que as overdoses de emoções são geniais, porque não estou acostumado a elas.

Esfomeados por causa da sua vida tão aventurosa, Clémence e Antoine concordaram em ir almoçar no Gudmundsdottir com As, Rodolphe, Ganja, Charlotte e a sua amiga. Entretanto, como ainda faltavam algumas horas para o meio-dia, decidiram brincar de fantasma. Clémence explicou a Antoine em que consistia essa brincadeira: eles tinham de se conduzir como fantasmas, olhar fixamente para as pessoas nas terrasses dos cafés, passear pelas ruas e pelas lojas ruidosas, ulular, flanar valendo-se da sua invisibilidade, conduzir-se como se tivessem desaparecido dos olhos do mundo. Agitando as suas correntes e levantando os braços de maneira aterrorizadora, Clémence e Antoine começaram a assombrar a cidade.

FIM DO LIVRO

MARTIN PAGE nasceu em 7 de fevereiro de 1975 e estudou Antroplogia.

Convencido de que a escrita não exige a convivência em ambientes hostis, Martin Page tenta, até hoje, e desesperadamente, levar uma vida tranqüila.